

Deutscher Morgen

Berausgeber: E. Sommer

Aurora Allemã

Erscheint wöchentl. 8. Jahrgang

Folge 47

São Paulo, 24. November 1939

8. Jahrgang

Schriftleitung, Verwaltung und Druckerei: Rua Victoria 200 — Fernruf: 4-3393, Caixa postal 2256 — São Paulo. — Zuschriften nicht an Einzelpersonen, sondern nur an die Verwaltung. — Bezugsgebühr: halbjährlich 10\$000, ganzjährig 20\$000, für Deutschland und die Weltpostvereinsländer 7 Mark

Considerações em torno das Intemperies Novembrinas no Mar do Norte

A Guerra das Falsidades

Nosso Quadro Negro

XI.

kt. — Em todas as frentes, fogo perturbador de significação local. Desta forma se poderia caracterizar, em linguagem militar, a actual situação na guerra da propaganda. Depois de redondamente fracassado o ataque de grande envergadura contra a Hollanda e a Belgica, visto que o Reich nem por sombra pensa em arrastar estes dous paizes á guerra, só para ser agradavel aos seus adversarios, e uma vez que o proprio governo hollandez desmascarou os forjadores de boatos, estes se sentem esmagados pela sua derrota e tratam de disfarçar, de queixo cahido, o tremendo fiasco.

Evidentemente, o plano de uma nova investida ampla ainda não está prompto. Dahi a razão do fogo perturbador limitado ao local, dahi o tactear nas frentes. Nisso, repetem-se pela centesima vez os temas já conhecidos. A phantasia dos boateiros merece pouco louvor, pois estes soffrem de absoluta penuria de idéas novas e a escassez de energias creadoras não pôde ser substituida por uma superabundancia de recursos mechanicos. Uma idéa, grande e efficaz, que essa gente pretende exterminar por meio desta guerra, conforme ella propria confessa, não se desarranja, nem mediante mentiras, nem tampouco com a applicação da violencia. E muito menos ainda, quando essa idéa já interpenetrou de tal forma milhões e milhões de seres humanos operosos e cheios de vitalidade, como se dá o caso na Allemânia.

Repercussões do caso da Hollanda e da Belgica

As manifestações de muitos observadores imparciaes, das quaes reproduziremos algumas, provam, que a tentativa de forçar a Hollanda e a Belgica a participar da guerra contra a Allemânia não apenas falhou, mas redundou ainda em prejuizo dos seus proprios autores. A folha italiana „Gazetta del Popolo“ accusa em sua edição de 14. 11. as potencias occidentaes da divulgação systematica de noticias falsas, afim de provocar o pânico entre os povos. Sempre que a propaganda franceza e ingleza o julgar acertado, far-se-ia constar, estar qualquer Estado pequeno ameaçado pela Allemânia. A imprensa dinamarqueza em peso attribue em 15. 11. o alarma em torno da Hollanda e da Belgica ás noticias falsas, espalhadas pela „Reuter“ e pela „Havas“. O „Nationaltidende“ chega á conclusão de que os proprios inglezes começam a receber as consequências de taes falsidades e que se esforçam por atenuar a reacção perniciosas para a Inglaterra. Na opinião publica belga e mesmo na imprensa manifesta-se, segundo informa a T.-O. em data de 13. 11., uma verdadeira aversão pelos methodos de propaganda das potencias occidentaes, entre outras, na „Nation Belge“. Consta que tanto na Belgica como na Hollanda se tenciona obstar, de uma vez para sempre, a reprodução de falsidades propagandistas desse naipe.

Diminue o effeito visado

Augmentam cada vez mais as vozes que manifestam suas duvidas acerca da veracidade das noticias inglezas e francezas referentes á guerra. Assim, o correspondente londrino do „Berlingske Tidende“ escreve a 17. 11. para a sua folha copenhaguense, que na imprensa ingleza não faltariam rumores sobre divergencias em circulos lideres da Allemânia. Seria recommendavel, porém, aceitar taes boatos com a necessaria reserva e não julgar a situação por elles. Dito por um correspondente com séde em Londres, isso é sufficientemente explicito. Mais não lhe é (Continua na 2.a pag.)

Varrem o Mar do Norte as tempestades outonaes. Empinam-se altas as vagas do mar revoltoso e selvagem, com cujo nome não foi atoa que a voz do povo allemão fez coincidir a rima „Mar da Morte“. Nessa convulsão dos elementos, as minas se desgarram de sua ancoragem e se desviam de suas zonas, rompendo, todo em derredor á Ilha Britannica, as correntes barradoras e amontoando-se nas costas do Continente. Os navios que nestes dias e noites seguem sua rota navegam constantemente em companhia da morte certa. A vida do marujo sempre correu risco, logo que os vendavaes noroestes annunciavam a aproximação do inverno. Todavia, nestes dias, em que tres potencias europeas se empenham numa luta de vida ou morte, em que precisamente os bretões escolheram o mar para campo de batalha decisivo, as vagas e os ventos representam um jogo infantil, quando se confronta seus effeitos com as catastrophes provocadas pelo choque entre navios e minas desgarradas. Só nestes ultimos tres dias, voaram para os ares quasi uma duzia de navios de passageiros e de carga, em consequencia desse abalo fatal que nem mesmo o capitão mais circumspecto consegue evitar. O mar absorveu milhares e milhares de toneladas de mercadorias e centenas de seres humanos. Eis a guerra, a guerra com todo seu cortejo de phenomenos dolorosos, a guerra do hloqueio e do rompimento do bloqueio, como a Allemânia jamais a quiz, mas que lhe foi imposta em consequencia de sua luta em prol de uma reorganização da Europa.

Através dessas intemperies novembrinas, através de chuvas fustigantes e nevociros frigidis, rompendo espessas cobertas de nuvens e vencendo o rapido cair da noite, soldados allemães voam em suas machinas velozes rumo á Inglaterra. Mal havia o Primeiro Lord do Almirantado Britannico, o grandiloquente Mr. Winston Churchill, declarado, que nesta guerra os allemães ainda não haviam ousado molestar os bretões; mal havia elle manifestado a convicção de que a Grã-Bretanha teria ganho a primeira etapa da guerra, caso atravessasse desembaraçadamente este inverno, e já o mundo avido de saber é informado de que oservadores allemães haviam apparecido sobre o centro da Inglaterra e Londres, de que aviões de bombardeio allemães haviam atacado as forças navaes britannicas abrigadas nas Ilhas Shetland, de que o norte da França, Paris, Bordeaux e o sudoeste, em summa, toda a região além da fronteira occidental, haviam recebido a visita de aviadores teutos. As serreas anti-aéreas uivavam incessantemente e tanto a população britannica como a franceza pensaram que havia chegado a hora do grande ataque allemão. Mas, tampouco o governo allemão renuncia a lei da acção, como permite que se lhe tire a iniciativa em questões de ordem militar. E' o Reich que determinará, quando é que deve começar a offensiva, e não um Mauricio mirim qualquer que tenha adoptado o altisonante titulo de „correspondente de guerra junto aos aliados“.

Por conseguinte, a offensiva deu uma grande volta; todavia, o espanto que se apossou da gente além-Siegfried e além-Mancha, espanto este mais espesso que a névoa outonal, foi enorme, ao se verificar, que os allemães, enfrentando serenamente a inclemencia dos vendavaes, fizeram esvaecer-se uma esperança tão jactanciosamente apreçoada e que come-

çara com as palavras: „Se atravessarmos sem contratempos este inverno“...

Não se diga, que as semanas relativamente inactivas no campo de luta propriamente dito hajam decorrido sem nenhum resultado. Se até ha pouco ainda não se acreditava, nos paizes neutros, no objectivo de guerra britannico — destruição do hitlerismo — essa intenção foi ampliada mais ainda, de accordo com os recentes discursos de estadistas responsaveis. Formulou-se-a simplesmente assim: Caso o povo allemão não consiga desligar-se do seu governo, declarando-se, ao contrario, mais solidamente identificado com este, então se torna necessario liquidar não apenas com a politica externa do nacional-socialismo, mas com toda a Allemânia. A luta seria movida até ao exterminio. Caberia restabelecer a Austria, a Checoslovaquia e a Polonia. Enquanto o Reich não attendesse essas exigencias, não teria de contar com nenhuma contemplação.

A Allemânia não se surpreendeu com a proclamação deste objectivo de guerra. Ao ser declarada a guerra ao Reich, em 3 de setemhro, pelos bretões e francezes, qualquer „pimpf“ (escoteiro, baliia) sabia na Allemânia, o que estava em jogo e com que elementos as duas partes entravam em campo. Entretanto, o mundo deveria agora tomar boa nota do objectivo de guerra britannico, pois é este que decidirá ao chegar a luta ao seu termo — mesmo no caso de uma victoria allemã. Ora, é cousa sedija, que não se deve retalhar a pelle do urso, antes que o animal não haja sido abatido. E é justamente em relação ao urso — mesmo o Primeiro Lord do Almirantado Britannico tentou esboçar, sob bondosa allusão á politica externa da Russia, uma imagem desse camarada pelludo — que seria recommendavel se fosse um pouco mais prudente no acampamento hostil á Allemânia. Recorrendo-se á historia da Europa, não será difficil provar, a cada passo, que uma Allemânia, na sua actual cohesão, tendo a Russia por guarda-costa, é absolutamente invencivel. Não é necessario a gente se exaurir em detalhes; podemos, contudo, chamar a attenção dos observadores imparciaes, que nada têm a ver com a guerra europeia, continuamente para o facto de que a situação do Reich não pôde ser comparada, de modo algum, com sua desafortunada posição politica em 1914.

Tendo-se isso em mente, poder-se-á comprehender, que a Allemânia applicou ao toco tronco britannico uma cunha allemã mais dura ainda, e que respondeu á proclamação provocadora do aniquilamento do Reich com o revide convincente: Lutaremos até á cabal sujeição da Grã-Bretanha.

O mundo neutro é testemunha desta contenda; e a cousa mais acertada que lhe cabe fazer, é deixar que as nações em luta liquidem as suas questões com as proprias forças. Uma sympathia mal applicada ou uma antipathia desacertada poderão ser de consequências immensuraveis neste ambiente explosivo. Não tem importancia que os Estados Unidos vejam com sympathia os objectivos de guerra dos aliados ou que a Russia esteja do lado da Allemânia, enquanto essas nações não abandonarem sua neutralidade. Afinal de contas, a toda guerra segue a paz, e neste caso pessoa alguma, que do seu canto assistiu á peleja e que no seu intimo desejou a victoria da causa justa, quererá pertencer ao rol dos desapontados. ep.

Der Lügenkrieg

Unser schwarzes Brett

XI.

kt. — An allen Fronten Störungsfeuer von örtlicher Bedeutung. So könnte man in der militärischen Ausdrucksweise die gegenwärtige Lage im Propagandakrieg kennzeichnen. Nachdem der Grossangriff gegen Holland und Belgien zusammengebrochen ist, weil das Reich eben nicht daran denkt, diese Länder seinen Gegnern zu Gefallen in den Krieg zu ziehen und weil die holländische Regierung selbst die Gerichtemacher entlarvte, stehen diese unter dem Eindruck ihrer Niederlage und suchen im „rauen Winter ihres Missvergnügens“ die überaus schwere Blamage zu bemänteln.

Der Plan zu einem neuen grossen Vorstoss ist offenbar noch nicht fertig. Deshalb das örtlich begrenzte Störungsfeuer, das Abtasten der Fronten. Dabei werden die bekannten Themen zum hundertsten Male wiederholt, und die Phantasia der Gerichtemacher verdient wenig Lob, denn es fehlt ihnen durchaus an neuen Gedanken und der Mangel an schöpferischer Kraft lässt sich nicht durch einen Riesenaufwand an mechanischen Hilfsmitteln ersetzen. Eine grosse und wirksame Idee, die sie nach ihrem eigenen Bekenntnis durch diesen Krieg ausrotten wollen, ist weder durch Lüge, noch durch rohe Gewalt zu vernichten. Zumal, wenn sie schon Millionen von tüchtigen und lebenskräftigen Menschen so durchdrungen hat, wie das in Deutschland der Fall ist.

Nachklänge um Holland und Belgien

Dass der Versuch, Holland und Belgien in den Krieg gegen Deutschland zu zwingen, nicht nur misslungen ist, sondern sich nun zum Schaden seiner eigenen Urheber auswirkt, beweisen die Aeusserungen vieler neutralen Beobachter von denen wir einige wiedergeben. Die italienische „Gazetta del Popolo“ beschuldigt am 14. 11. die Westmächte in diesem Zusammenhang der systematischen Verbreitung falscher Nachrichten, um unter den Völkern Panik hervorzurufen. Immer, wenn die französische und englische Propaganda es wolle, werde angeblich irgendein kleiner Staat von Deutschland bedroht. Die gesamte dänische Presse führt am 15. 11. den Alarm um Holland und Belgien auf die falschen Nachrichten von „Reuter“ und „Havas“ zurück; „Nationaltidende“ kommt zu dem Schluss, dass die Engländer selbst anfangen, die Folgen solcher Lügen zu fürchten und sich bemühen, die nachträglichen Rückwirkungen auf England abzuschwächen. In der belgischen Oeffentlichkeit und selbst in der Presse kommt nach T.-O. vom 13. 11. ein wahrer Widerwille gegen die Propagandamethoden der Westmächte zum Ausdruck, so in der „Nation Belge“. In Belgien und Holland soll die Absicht bestehen, die Wiederholung derartiger Propagandafälschungen ein für allemal zu unterbinden.

Die Wirkung läßt nach

Immer häufiger werden die Stimmen, die ihrem Zweifel an der Wahrheit englischer und französischer Kriegsmeldungen Ausdruck geben. So schreibt am 17. 11. der Londoner Berichterstatter der „Berlingske Tidende“ in seinem Kopenhagener Blatt, in der englischen Presse fehle es nicht an Gerüchten über Meinungsverschiedenheiten in führenden Kreisen Deutschlands. Man müsse derartige Gerüchte aber mit dem nötigen Vorbehalt aufnehmen und die Lage nicht nach ihnen beurteilen. Das ist für einen in London sitzenden Korrespondenten deutlich genug. Mehr darf er nicht sagen. Er will aber auch nicht ganz schweigen wenn er von der Erschiessung und dann von der Gefangennahme des ehemaligen Kronprinzen hört, der sich erwiesenermassen jeder gewünschten Freiheit erfreut, oder von der Erschiessung des Polizeipräsidenten von Potsdam, Grafen Wedel, der, wie ebenfalls erwiesen, nach langem Leiden an Krebs gestorben ist.

(Schluss auf Seite 2.)

Gedanken zu den Novemberstürmen über der Nordsee

Ueber der Nordsee brausen die Herbststürme. Hoch schlagen die Wellen dieses wilden Meeres, das nicht umsonst im deutschen Volksmund auf seinen Namen hin den ergänzenden Reim „Nordsee — Mordsee“ trägt. Die Minen reissen bei diesem Aufruhr der Elemente von ihren Verankerungen, treiben aus ihren Feldern und Sperrketten rund um die englische Insel los und sammeln sich an der Festlandküste. Die Schiffe, die in die-

sen Tagen und Nächten unterwegs sind, fahren in ständiger Begleitung des sicheren Todes. Gefährvoll war das Seemannsleben schon immer, wenn die Nordweststürme den nahenden Winter ankündigten. Aber in dieser Zeit, da drei europäische Grossmächte im Kampf auf Sieg oder Verderben stehen, da vor allem die Briten das Meer zum entscheidenden Schlachtfeld auswählten, sind Wogen und Win-

(Schluss auf Seite 2.)

de ein Kinderspiel, gemessen an jenen Katastrophen, die sich beim Zusammenstoß zwischen Schiffen und Treibminen ergeben. Fast ein Dutzend Fahrgast- und Frachtdampfer sind allein in den letzten drei Tagen bei diesem verhängnisvollen Aufprall, den auch der umsichtigste Kapitän nicht vermeiden kann, in die Luft geflogen. Viele Tausend Tonnen Fracht und Hunderte von Menschen sind vom Meer aufgenommen worden. Das ist der Krieg, der Krieg mit all seinen bitteren Begleiterscheinungen, der Krieg der Blockade und des Blockadedurchbruches, wie ihn Deutschland niemals gewollt hat, sondern wie er ihm in seinem Kampf um die Neuordnung in Europa aufgezwungen wurde.

Durch diese Novemberstürme, durch peitschenden Regen und eiskalten Nebel, durch dichte Wolkendecken und frühe Nachtdämmerung fliegen deutsche Soldaten mit ihren schnellen Maschinen gen England. Eben noch hat der Erste Lord der britischen Admiralität, der wortgewaltige Mr. Winston Churchill, erklärt dass die Deutschen in diesem Krieg die Briten noch nicht zu belästigen gewagt hätten, eben noch hat er der Ueberzeugung Ausdruck gegeben, dass Britannien die erste Hälfte des Krieges gewonnen haben würde, wenn er unbehindert durch diesen Winter käme, und schon erfährt die wissenschaftliche Welt, dass deutsche Aufklärer über Mittelengland und London erschienen sind, dass deutsche Bomber die britischen See- und Luftstreitkräfte im Schutz der Shetland-Inseln angegriffen haben, dass Nordfrankreich, Paris, Bordeaux in Südwestfrankreich, überhaupt, dass das ganze Gebiet jenseits der Westfront deutschen Fliegerbesuch erhalten hat. Unaufhörlich heulen die Luftschuttsirenen, glaubte die britische und französische Bevölkerung, dass der grosse deutsche Angriff begonnen habe. Aber so wenig die deutsche Staatsführung auf das Gesetz des Handelns verzichtet, so wenig lässt sie sich in militärischen Fragen das Heft aus der Hand nehmen. Wann angegriffen wird, bestimmt das Reich und nicht irgendein kleiner Moritz, der sich den hochtrabenden Titel „Kriegsberichterstatter bei den Alliierten“ zulegte. Die Offensive ist also ausgeblieben, aber das Stauen hängt dichter als der Herbstnebel bei den Leuten jenseits des Westwalls und des Kanals, als sie erkannten, dass die Deutschen, Wind und Wetter trotzend, eine grosssprecherische Hoffnung zunichte machten, die mit den Worten begann: „Wenn wir durch diesen Winter glatt hindurchkommen.“

Man sage nicht, dass die verhältnismässig lalten Wochen auf dem eigentlichen Kriegsschauplatz ohne anderweitige Ergebnisse verlaufen sind. Wenn man in den neutralen Ländern bis vor kurzem an das britische Kriegsziel „Vernichtung des Hitlerismus“ nicht glaubte so ist diese Absicht jetzt nach den letzten Reden verantwortlicher Staatsmänner noch erweitert worden. Ganz einfach wurde es folgendermassen formuliert: Falls das deutsche Volk nicht von seiner Führung lassen kann, sich vielmehr fester denn je zu ihr bekennt, dann müsse eben nicht nur mit der Aussenpolitik des Nationalsozialismus, sondern mit ganz Deutschland abgerechnet werden. Der Kampf werde bis zur Vernichtung geführt werden. Oesterreich, die Tschechoslowakei und Polen sollten wieder errichtet werden. Solange das Reich diese Forderung nicht erfülle, werde es mit keiner Nachsicht zu rechnen haben.

Deutschland hat sich durch die Bekanntgabe dieses Kriegszieles nicht überraschen lassen. Als dem Reich am 3. September von den Briten und Franzosen der Krieg erklärt wurde, wusste in Deutschland sogar jeder Pimpf, was auf dem Spiele stand und mit welchem Einsatz die beiden Parteien einander gegenübertraten. Aber die Welt sollte sich nunmehr das britische Kriegsziel gut merken, da es nach Beendigung des Kampfes ausschlaggebend sein wird — auch im Falle eines deutschen Sieges. Bekanntlich soll man das Fell des Bären so lange nicht verteilen, wie man das Tier noch nicht erlegt hat. Und gerade bezüglich des Bären — auch der Erste Lord der britischen Admiralität versuchte mit einem gütigen Hinweis auf die russische Aussenpolitik ein Bild dieses zottigen Burschen zu zeichnen — sollte man im deutschfeindlichen Lager getrost vorsichtiger sein. An Hand der europäischen Geschichte lässt sich auf Schritt und Tritt nachweisen, dass ein Reich in der gegenwärtigen Geschlossenheit und mit Russland als Rückendeckung überhaupt nicht besiegt ist. Man braucht sich nicht in Einzelheiten zu verlieren, darf aber die ausserhalb des europäischen Krieges stehenden neutralen Beobachter immer wieder auf die Tatsache aufmerksam machen, dass die Stellung des Reiches nicht im geringsten mit seiner unglücklichen politischen Situation im Jahre 1914 zu vergleichen ist.

Nur aus dieser Erkenntnis kann man auch verstehen, dass Deutschland auf den groben britischen Klotz einen noch härteren deutschen Keil gesetzt hat und dass es auf die herausfordernde Proklamierung der Vernichtung des Reiches mit der einleuchtenden Gegenerklärung antwortet: Wir kämpfen bis zur völligen Niederwerfung Britanniens.

Die neutrale Welt ist Zeuge dieser Auseinandersetzung und sie kann nichts Klügeres tun, als die im Kampf stehenden Nationen ihre Sache aus eigener Kraft zu Ende führen zu lassen. Eine falsch angewandte Sympathie oder eine unangebrachte Antipathie können in dieser explosiven Stimmung unübersehbare Folgen haben. Ob die Vereinigten Staaten dem Kriegsziel der Alliierten hold sind ob Russland auf seiten des Reiches steht, ist belanglos, solange diese Nationen ihre Neutralität nicht aufgeben. Und schliesslich folgt auf jeden Krieg auch wieder einmal ein Frieden und dann möchte niemand, der nur beobachtete und im Herzen den Sieg der gerechten Sache wünschte, zu den Enttäuschten gehören.

Zur Aufklärung des Mordanschlags auf den Führer im Bürgerbräukeller in München am 8. November

Berlin, 21. (T.-O. — Agencia Alemã) Amtlich wird am Dienstag mitgeteilt, dass der Attentäter vom Münchener Bürgerbräukeller verhaftet worden ist. Es handelt sich um den 36 Jahre alten Georg Elser, der versuchte, auf illegale Weise die deutsch-schweizer Grenze zu überschreiten. Das amtliche Kommuniqué des Reichsführers SS und Chefs der deutschen Polizei, Himmler, lautet:

„Nach dem schändlichen Attentat im Bürgerbräukeller in München am 8. November wurden die geeigneten Massnahmen ergriffen, nicht nur um das Delikt und die Urhebererschaft aufzuklären, sondern auch um die Attentäter zu verhaften. Zu diesem Zweck wurde eine provisorische Schliessung aller Reichsgrenzen und eine verdoppelt strenge Passkontrolle angeordnet. Unter den an jenem Abend Verhafteten befindet sich auch ein gewisser Georg Elser, 36 Jahre alt, der versuchte, auf illegale Weise nach der Schweiz zu gelangen. Die inzwischen von der nach München entsandten Sonderkommission der Staatspolizei durchgeführten Untersuchungen liessen das Attentat bereits in wesentlichen Einzelheiten aufgeklärt. Als Urheber kam eine Person in Frage, deren Signalement schon am 12. November hatte veröffentlicht werden können. Weitere Einzelheiten verstärkten die Ueberzeugung, dass Georg Elser das Attentat schon seit langem vorbereitet hatte.

Elser hatte das Attentat strikt geleugnet, bis er am 14. November seine Teilnahme an dem Delikt auf Grund des Materials eingestehen musste, das die Sonderkommission für die Aufklärung des Attentates gegen ihn angesammelt hatte sowie auf Grund von Gegenüberstellungen und Lokalterminen sowie Durchsuchungen an den Orten, an denen der Geflüchtete sich verborgen gehalten hatte, bis er die Grenze zu überschreiten versuchte. In einer in der Geschichte der Kriminalität einzig dastehenden Weise hatte Elser wochenlang gearbeitet, bis er in eine Säule des Bürgerbräukellers eine Ladung Explosivstoffe einführen konnte, ebenso wie einen automatischen Zünder, der auf die Zeitdauer von sechs Tagen oder 144 Stunden arbeitete. Das Attentat war bereits im September und Oktober 1938 geplant gewesen. Die Sprengladung wurde am 7. November 1939 in den Bürgerbräukeller gebracht. Sechs Tage vorher hatte Elser bereits versucht, den automatischen Zünder an der Ladung anzubringen. Dies war ihm weder am dem ersten noch am folgenden Tage gelungen, und erst am vierten Tage vor dem 8. November hatte Elser Gelegenheit den Zünder an der

Ladung anzubringen. Hierauf nahm er den Zug, um nach der Schweiz zu fahren, wo ihn seine Anstifter erwarteten. Am 7. November kehrte Elser jedoch aus besonderen Gründen wieder nach München zurück. Am Abend des 7. November konnte er neuerdings in den Bürgerbräukeller gelangen, wo er sich durch Horchen von dem Funktionieren der Uhr an dem Explosivkörper überzeugte. Elser vergass nicht, alle Vorsichtsmassnahmen zu treffen, um das tickende Geräusch der Uhr zu dämpfen. In derselben Nacht des 7. November wiederholte er seine Nachprüfungen noch zu verschiedenen Malen. Am 8. November morgens begab er sich in ein Café in der Nähe des Isartors und nahm dann den Zug über Ulm nach der Grenze. Am Abend des 8. November versuchte er in der Nähe von Konstanz die Grenze zu überschreiten. Zu dieser Zeit war aber bereits der Befehl zur Schliessung der Grenzen erteilt, und dadurch wurde seine Verhaftung möglich.

Anstifter des Attentats war der Intelligence Service, der auch das Geld dafür gegeben hat. Der Organisator des Attentates war Otto Strasser. Die Nachforschungen zur völligen Aufklärung des gesamten Netzes der Anstifter und Komplizen sind noch nicht abgeschlossen. Immerhin konnte bereits ein Teil derjenigen Personen verhaftet werden, die mit dem Attentat in Verbindung stehen. Um zu einer vollkommenen Aufklärung des Deliktes beizutragen, werden an das Publikum die folgenden Fragen gerichtet:

1. Wer kennt Elser?
2. Wer kann Einzelheiten über seine Beziehungen mitteilen?
3. Wer kann etwas über Personen sagen, mit denen er in Beziehungen stand?
4. Wo ist Elser in den letzten Jahren gesehen worden?
5. Wo hat er seine Käufe getätigt oder wo war er angestellt?
6. Wo war Elser bei Erfindungen technischer Art, Bauprojekten usw. beschäftigt?
7. Wer hat in dem Hause oder in den Händen anderer Personen Pläne des Bürgerbräukellers gesehen?
8. Wer hat Elser in Cafés, auf Bahnhöfen, in Zügen, Autobussen usw. allein oder in Begleitung anderer Personen gesehen?
9. Wer hat Elser im Auslande gesehen, wann, wo und mit wem?

Ein kostbarer Gang an der holländischen Grenze

Berlin, 21. (T.-O. — Agencia Alemã) Am Dienstagabend wird amtlich mitgeteilt:

„Die Zentrale des Intelligence Service für Westeuropa, die sich im Haag befindet, hatte seit langem versucht, Komplote und Attentate in Deutschland zu organisieren und Beziehungen zu Elementen anzuknüpfen, die sie für revolutionär und als Gegner des nationalsozialistischen Regimes ansah. Auf Grund der verbrecherischen und hirnerbrannten Informationen eines deutschen Emigranten hatten die englische Regierung sowie der Intelligence Service geglaubt, dass in Deutschland in der Partei, im Staat und im Heere eine Opposition bestehe, die nur auf die Gelegenheit wartete, um eine Revolution auszulösen. Angesichts dessen waren Funktionäre der SS damit beauftragt worden, mit jener englischen Zentrale des Terrorismus und der Revolution im Haag in Verbindung zu treten. In dem Glauben, man habe es tat-

sächlich mit revolutionären deutschen Offizieren zu tun deckten die Beamten des Intelligence Service den deutschen Beamten ihre Pläne auf. Um die ständige Verbindung mit ihnen aufrecht erhalten zu können, übergab ihnen der Intelligence Service Radio-Sende- und Empfangsapparate mit denen dann die deutsche Geheime Staatspolizei bis heute mit der englischen Regierung in direkter Verbindung stand. Am 9. November versuchten die Chefs des Intelligence Service für Westeuropa, Best und Captain Steven, von Holland aus bei Venlo die Grenze nach Deutschland hin zu überschreiten. In dem Augenblick, als sie dies versuchten, wurden sie von den deutschen Beamten, die sie dauernd überwachten, verhaftet und der Geheimen Staatspolizei übergeben. Augenblicklich werden die widersprechenden Erklärungen nachgeprüft, ob diese Verhaftung auf holländischem oder deutschem Gebiet stattfand.“

Wie die Polizei arbeitete

Berlin, 21. (T.-O. — Agencia Alemã) „Deutscher Dienst“ schreibt über die Verhaftung des Attentäters von München: Unmittelbar nach dem furchtbaren Verbrechen vom 8. November wurde die gesamte deutsche Polizei unter höchster Anspannung eingesetzt, so dass wenige Stunden nach dem Verbrechen gesagt werden konnte, dass die Täter bereits eingekreist seien. Alle Grenzen waren abgeriegelt worden und insbesondere die Orte des internationalen Verkehrs einer überaus strengen Kontrolle unterzogen, so dass Personen, die irgendwie verdächtig erschienen, nur mit amtlicher Genehmigung der Generaldirektion des Sicherheitsdienstes das Reich lässen verlassen können. So gelang es in kürzestem Zeitraum, jegliche Verbindung des Reiches nach dem Ausland zu unterbrechen und den Tätern ein Entweichen unmöglich zu machen.

Gleichzeitig hatte eine Sonderkommission der Polizei, der auch Spezialfachleute angehörten, sich nach München begeben und mit der Untersuchung begonnen, nachdem der Tatort völlig umstellt war, als die Opfer des Delikts fortgeschafft worden waren. Noch am 8. November nachts begann die geduldige und gewissenhafte Arbeit, indem alle Trümmer, Bruchstücke usw. eingehend untersucht wurden. Nach ununterbrochener Tätigkeit, die tagelang dauerte, kam die Polizei in den Besitz von scheinbar unbedeutenden Teilen der Bombe, die ihr jedoch gestattet, das Material zum Attentat teilweise zu rekonstruieren. Auf diese Weise konnte man sich eine annähernde und bestimmte Idee von dem Uhrwerk machen, das die Explosion hervorrief, auch über das Explosivmaterial sowie über die ungefähre Menge desselben, die die Schäden hervorrufen konnte, die die Explo-

Aussehen des Verbrechers an sich hat. Seine intelligenten Augen und seine regelmässigen Züge weisen vielmehr auf ein Individuum hin, das sich voll und ganz dessen bewusst ist, was es tut, und es ist schwierig, bei seinem Anblick nicht zu vergessen, dass man vor einem wahren Monstrum steht, das fähig ist, kaltblütig zu morden.

Man kennt keine ähnlichen Fälle von Raffinerie und Perversität. Ein einziges Detail wird beweisen, bis zu welchem Punkte er alles vorbereitet hatte. In einem Augenblick bei der Untersuchung der Sonderkommission wurde beschlossen, den Verbrecher an den Tatort zu führen, um ihn bestimmten Einzelheiten gegenüberzustellen, doch sagte hierauf der Verbrecher, dass dies unnötig sei, weil er aus dem Gedächtnis in allen Einzelheiten die Lage der verschiedenen Gegenstände im Bürgerbräukeller beschreiben und einen eingehenden Plan des Lokals aufzeichnen könne. Im Laufe des Verhörs vergoss er auch Tränen, und zwar deshalb, weil er nach München zurückgekehrt war, anstatt sich direkt ins Ausland zu begeben, da das Uhrwerk ja schon in Gang gesetzt war, das die Explosion hervorrufen sollte. Nach dem Verhör gestand Elser, dass dies darauf zurückzuführen war, dass, wie erinnerlich, die traditionelle Festlichkeit im Münchener Bürgerbräukeller ursprünglich abgesagt worden war. Da man sich danach aber doch zur Abhaltung der Zusammenkunft und der Rede des Führers entschloss, so wollte Elser, nachdem er nach München zurückgekehrt war, sich jetzt wieder nach dem Ausland wenden, wobei er der Polizei in dem Moment in die Hände fiel, als er gerade die Grenze zu überschreiten versuchte. Die Verhaftung Elzers kann Konsequenzen von unabhärbare Reichweite haben. Im Zusammenhang mit der Polizei beginnt jetzt eine Arbeit der öffentlichen Meinung, damit alle Daten zusammengetragen werden, die zur Rekonstruktion nicht nur der Einzelheiten des Attentats, sondern auch zu dessen Vorgesichte beitragen, um dadurch die direkten Urheber, Anstifter und Komplizen festzustellen, die an diesem unqualifizierbaren und einzig dastehenden Delikt teilgenommen haben.

Der Lügenkrieg

(Schluss von Seite 1.)

Auch Ungarn weiß Bescheid

Die halbamtliche ungarische Zeitung „Pester Lloyd“ wendet sich am 16. 11. gegen die französischen und englischen Behauptungen, Deutschland plane eine Vergewaltigung Ungarns. Man dürfe solche Angaben von vorneherein nicht ernst nehmen, da sie nur erfundene Stimmungen zu schaffen und Ungarn gegen Deutschland einzusetzen. Ungarn aber vertraue auf die Loyalität seiner Freunde. Hitler habe wiederholt die Unverletzlichkeit der deutsch-ungarischen Grenze garantiert, und in Ungarn zweifle niemand an der Aufrichtigkeit seiner Erklärungen. — Einige Tage vorher hatte der Budapest-Vertreter der Londoner „Times“ behauptet die ungarische öffentliche Meinung sei überzeugt, dass der Münchener Anschlag von Deutschen selbst vorbereitet und ausgeführt worden sei. Er erhielt daraufhin eine strenge Vermahnung durch die ungarischen Behörden, und von zuständigen Kreisen wurde hinzugefügt, diese „unglaubliche Behauptung bestätige offensichtlich, dass die Meldung nur zum Zweck der Vergiftung der deutsch-ungarischen Beziehungen aufgegeben worden sei“.

A Guerra das Falsidades

(Continuação da 1.ª pagina.)

permittedo dizer. Mas, não lhe agrada também ter de calar-se por completo, quando ouve falar do fuzilamento e, mais tarde, da prisão do ex-príncipe herdeiro da Alemanha, o qual, entretanto, conforme está provado, goza da mais absoluta liberdade, ou do fuzilamento do chefe de Polícia de Potsdam, eonde Wedel, que, conforme também está provado, falleceu depois de longos padecimentos, victimado por carcinoma.

Tambem a Hungria está ao par das cousas

O jornal húngaro semi-official „Pester Lloyd“ insurge-se em 16. 11. contra as afirmações francezas e inglezas de que a Alemanha estaria planejando uma violentação da Hungria. Diz o referido órgão, que não se deve, de antemão, levar a sério essas noticias, por não passarem de invencionices diffundidas com o escopo de crear um ambiente desfavoravel para o Reich e de indispôr a Hungria contra a Alemanha. A Hungria confiará na lealdade dos seus amigos. Hitler teria assegurado, repetidas vezes, a intangibilidade da fronteira teuto-hungara, e que na Hungria ninguém duvidaria da sinceridade de suas declarações. Poucos dias antes, o representante budapestino do „Times“, de Londres havia afirmado, que a opinião publica húngara estaria convencida de que o attentado de Munich teria sido preparado e executado pelos proprios alemães. Deante disso, o jornalista recebeu uma severa advertencia das autoridades húngaras, e por parte de circulos autorizados foi acrescentado, que essa „afirmação increditavel confirmava evidentemente, que a noticia havia sido dada apenas com o fito de envenenar as relações teuto-hungaras.“

Os países neutros e o bloqueio ingles

A opinião publica do mundo e especialmente dos países neutros continua a mostrar-se agitada com as medidas de bloqueio decretadas pela Inglaterra. Incluindo na famigerada „lista de contrabando” os viveres e outros géneros de primeira necessidade, a Inglaterra repete os mesmos métodos adoptados por ella durante a grande guerra com o mais solenne desprezo pelas mais elementares noções do direito dos povos, mas esquece-se que desta vez o numero de países neutros é muito maior do que de 1914 a 1918 e que nenhum delles quer ser prejudicado por medidas de guerra empregadas por ella contra o seu adversario. Em alguns dos pequenos países neutros sente-se já a falta de alguns generos alimenticios. Um jornal sueco „Oester Goetlands Korrespondent” diz que o mundo não está disposto a suportar as consequências directas ou indirectas de uma guerra do imperio britannico. „Aftonbladet”, outro jornal sueco, declara que os países neutros devem agir solidariamente para salvaguardar os seus interesses vitaes. O jornal „Arriba”, de Madrid, afirma que a tentativa inglesa no sentido de bloquear a Alemanha prejudica em primeiro lugar os países neutros. „Berlinske Tidende” de Copenhague diz que se os ingleses se portam como uns piratas a Alemanha ver-se-há obrigada a combater esses piratas com as mesmas armas. „Resto de Carlino” de Milão cita as palavras de um estadista inglez ao dizer que a Inglaterra está disposta a lutar até ao ultimo francez.

Na Hollanda, ao inaugurar a 41.ª Feira Hollandeza, o presidente da feira, Dr. van Vlissingen, disse que seria um erro comparar a conflagração actual com a grande guerra de 1914. Em 1914 o commercio paralizou por completo devido a quasi todos os países terem participado na guerra. Desta vez, porém, o numero de belligerantes é muito restrito, de modo que o commercio internacional pode ser absolutamente mantido, ainda que com certas limitações. Há 25 annos, as nações em guerra necessitavam da propria produção para attender as suas proprias necessidades. Actualmente, porém, os belligerantes têm o maior interesse em manter as suas relações de commercio externo. Por esta razão, para a Hollanda especialmente não existe motivo para cruzar os braços. Pelo contrario — disse — devemos procurar manter o movimento habitual de commercio, intensificando-o mesmo na medida do possível.

A Belgica, por sua vez, que se vê obrigada a racionar os seus generos alimenticios devido ao bloqueio inglez, entrou em negocia-

ções com os países belligerantes para saber em que condições será possível manter as suas relações commerciaes. Na Alemanha os jornaes defendem unanimamente o ponto de vista dos países neutros. Os titulos dos artigos dizem que „a Inglaterra aniquilla a vida dos neutros” ou que „a Inglaterra quer matar a Europa a fome”. A proposito de ter a Alemanha decretada identicas medidas de bloqueio, diz o jornal „Berliner Börsen-Zeitung”: „A Inglaterra será attingida com as mesmas armas com que procurar combater-nos. Contra os cavalheiros de Downing-Street empregaremos os mesmos meios que elles nos destinavam, e, então, será facil calcular que a guerra acabará tanto mais depressa.” O „Hamburger Fremdenblatt” declara que as medidas adoptadas pelos allemaes são simplesmente „a resposta a tentativa de um bloqueio da fome com o qual a Inglaterra contrariamente ao direito das nações, sempre tentou impôr a Europa a sua vontade”. Mais adiante diz este jornal o seguinte: „O sincero desejo da Alemanha de evitar que o conflicto germano-inglez viesse prejudicar as relações commerciaes dos países neutros, foi contrariado pelo livre arbitrio da Inglaterra, que pretende submeter ao seu controle o commercio de amigos e inimigos. Com a sua politica, de responder com os mesmos meios a cada provocação, a Alemanha defende a causa dos países neutros. Ella espera que as suas medidas de defeza sejam comprehendidas, posto que se dirigem contra a velha arrogancia de uma unica nação. Ha tres grandes potencias maritimas — os Estados Unidos, o Japão e a Italia — que não deixarão desamarados os pequenos países neutros na sua attitude de resistencia a dictadura naval da Grã-Bretanha”.

Ainda a respeito da neutralidade commercial diz a „Correspondencia Diplomatica e Politica” o seguinte: „A Alemanha mostrou-se disposta, perante os países neutros, a manter com elles o seu commercio habitual de exportação e de importação. O governo do Reich espera que os países neutros procedam da mesma maneira para com a Alemanha. Em consequencia desta attitude allemã, o Reich não se oporá a que os países neutros mantenham igualmente o seu intercambio habitual com os países que se encontram em conflicto com elle. Por outro se os países neutros aceitarem limitações effectivas ou controles formaes impostas por terceiros com o sentido de difficulciar o seu commercio habitual com a Alemanha, essa attitude será considerada pelo Reich como incompativel com as noções de neutralidade.”

gung tun und sie im Rahmen des Möglichen verstärken.

Belgien, durch die englische Blockade zu Rationierung seiner Lebensmittel gezwungen, hat von sich aus mit den kriegführenden Ländern Verhandlungen aufgenommen, um festzustellen, unter welchen Bedingungen seine Handelsbeziehungen aufrecht erhalten werden können. Die deutschen Zeitungen verteidigen einstimmig den Gesichtspunkt der Neutralen. Die Überschriften der einzelnen Artikel lauten „England vernichtet das Leben der Neutralen” oder „England will Europa durch Hunger töten”.

Hinsichtlich der von Deutschland in ähnlichem Sinne verfügten Gegenblockademassnahmen” schreibt die „Berliner Börsen-Zeitung”: „England wird mit denselben Waffen geschlagen werden, mit welchen es uns zu bekämpfen sucht. Gegen die Herren der Downing-Street werden wir dieselben Mittel anwenden, welche sie uns zugebracht haben, und dann kann man leicht ausrechnen, dass England sehr schnell am Ende sein wird. Das „Hamburger Fremdenblatt” bemerkt, dass die von den Deutschen ergriffenen Massnahmen nichts weiter darstellen, als „die Antwort auf den Versuch einer Hungerblockade, mit welcher England, völlig im Gegensatz zum Völkerrecht, schon immer Europa seinen Willen aufzuzwingen versuchte”. Dieses Blatt führt noch folgendes aus! „Der aufrichtige Wunsch Deutschlands, eine Schädigung der Handelsbeziehungen der neutralen Staaten zu vermeiden, wurde durch die offene britische

Willkür zunichte gemacht. England beansprucht die Kontrolle über den Handel seiner Freunde und Feinde. Deutschland verteidigt die Sache der Neutralen, indem es jede Provokation mit den vom Gegner angewandten Mitteln zurückweist. Das Reich hofft, dass seine Verteidigungsmassnahmen als solche verstanden werden, obschon sie sich gegen den alten Hochmut einer einzigen Nation richten. Drei grosse Seemächte — die Vereinigten Staaten, Japan und Italien — werden die kleinen neutralen Länder in ihrem Widerstand gegen die britische Gewaltherrschaft auf den Meeren nicht verlassen”.

Bezüglich der handels- und wirtschaftspolitischen Neutralität meint die „Deutsche diplomatische politische Korrespondenz” noch: „Deutschland hat den Neutralen gegenüber seinen Willen zur Fortführung des gewohnten Aus- und Einfuhrhandels bewiesen. Die Reichsregierung erwartet, dass die neutralen Länder sich in derselben Art Deutschland gegenüber verhalten. Aus dieser klaren deutschen Einstellung geht hervor, dass das Reich keineswegs den Neutralen bei der Aufrechterhaltung ihres üblichen Warenaustausches mit den Ländern entgentreten wird, die mit Deutschland im Kriegszustand leben. Wenn andererseits die neutralen Staaten spürbare Begrenzungen oder förmliche Kontrollen durch Dritte dulden, und wenn diese Einmischung mit der Absicht geschieht, den Handel der Neutralen mit Deutschland zu erschweren, wird diese Haltung vom Reich als unverträglich mit der Auslegung der Neutralität betrachtet.

Será sufficiente a tonelagem da Inglaterra

Prof. Dr. Joh. v. Leers

A metropole inglesa necessita de um suprimento extraordinariamente elevado de mercadorias importadas. O que mais falta á Inglaterra são artigos que requerem enorme tonelagem. Ella não dispõe, a bem dizer, quasi de nenhuma madeira. Das 13 milhões de toneladas de que carece por anno tem de importar 11,5 milhões; das 22 milhões de toneladas de generos alimenticios que consume por anno tem de receber de fóra 16 a 17 milhões de toneladas. As 11 milhões de toneladas de oleo mineral de que necessita têm de ser importadas em sua totalidade, de vez que as ilhas britannicas não abrigam petroleo em seu subsolo, e o processo de hydratação é rudimentar. Não obstante suas boas pastagens, a Inglaterra tem de adquirir fóra do paiz 9 milhões de toneladas de forragens, bem como varias toneladas de minérios e outros metaes. Como é que a Inglaterra dá conta desse transporte todo?

Neste sentido, o prof. dr. Ernst Schultze, director do Instituto da Economia Mundial da Escola Superior de Commercio, de Leipzig, aponta em seu livro „Preocupações do Imperio Mundial Britannico” (Editora: Nationale Verlagsgesellschaft, 1939), obra esta que revela profundo estudo da Materia — para um facto geralmente pouco conhecido, isto

mercantes do mundo se desenvolveram; a frota inglesa, porém, diminuiu de 10% de sua tonelagem e de 21,5% no que tange ao numero de navios. Em 1914, cabiam a Grã-Bretanha e Irlanda, das 49,09 milhões de toneladas brutas registadas da marinha mercante mundial (embarcações de mais de 100 toneladas brutas), 19,26 milhões de toneladas brutas. Em 1939, porém, das 68,51 milhões de toneladas brutas do total dos navios que singram os mares do mundo pertencem á Grã-Bretanha e Irlanda apenas ainda 17,89 milhões de toneladas. Entretanto, a importação da Inglaterra cresceu de volume. No anno de 1913, ella importou 56 milhões de toneladas de mercadorias; em 1937, porém, 76 milhões, por consequinte, exactamente 20 milhões de toneladas mais que antes da guerra mundial. Isto está, em parte, em relação com o facto de tambem a população inglesa ter augmentada, neste tempo, de cerca de 10 por cento.

Se observamos esses Algarismos com attenção, notaremos que a Inglaterra possui hoje menos navios que na Grande Guerra. O numero de seus vapores era, em 1.º de julho de 1914, de 8587, ao passo que em 1.º de julho de 1937 só ainda era de 6025. O professor Schultze aponta, neste particular, com razão, para a circumstancia de que ha muito já, e em grau sempre crescente nestes ultimos annos, a Inglaterra se vem servindo de navios estrangeiros para o transporte de mercadorias de que carece para o seu consumo. Em 1921, a participação de navios de outros países que aportavam á Inglaterra, levando mercadorias de importação, era de apenas 33%; em 1929, de 34,5% e em 1934, mesmo de 41,8%. Vê-se, por ahi, que a parte dos navios britannicos empregados no aprovisionamento da Inglaterra se retrahiu para 58,2%.

A tonelagem de que a Inglaterra dispõe em navios de sua propria marinha mercante importava a 1.º de julho de 1914 em 19,26 milhões de toneladas brutas registadas, e a milhões de toneladas brutas registadas, e a 1.º de julho de 1939 em apenas 17,89 milhões de toneladas. A importação augmentada e a tonelagem reduzida caracterizam um serio problema do abastecimento do Imperio Britannico. O governo britannico sabe muito bem disso. Ainda em principios deste anno consignou uma verba elevada para a construção de novos navios mercantes, sim, chegou mesmo a prohibir aos armadores — temos ahi n'a manifesta medida de emergencia! — vender navios velhos para o estrangeiro, impondo-lhes, antes, offerecer esses navios ao Departamento Commercial (Board of Trade).

Convem, naturalmente, não exaggerar esses phenomenos. Tambem na guerra mundial grande parte da frota mercante britannica não serviu ao suprimento da Inglaterra de mercadorias, mas achava-se á disposição dos aliados da Inglaterra, como, por exemplo, para o transporte de tropas norte-americanas e de armamentos destinados á França. Por outro lado, a Inglaterra se resente da falta de determinados navios especiaes. A mudança do systema de combustão dos navios britannicos para oleo tornou necessaria a criação de uma grande frota de navios-tanque. Esta já não basta em tempos normaes, tanto que se tem recorrido a navios-tanque estrangeiros. Consiste, portanto, num erro, admitir, que a tonelagem britannica esteja disponivel, por assim dizer, irrestrictamente. Não é o que

Die neutralen Länder und die englische Blockade

Die öffentliche Meinung der Welt und besonders der neutralen Staaten beschäftigt sich nach wie vor mit den Folgeerscheinungen der von England ausgelösten Blockade. Britannien hat in die berühmte Konterbandliste auch Lebensmittel und andere für den Lebensunterhalt notwendigen Stoffe aufgenommen und wiederholt damit dieselben Methoden, welche es schon während des Weltkrieges mit einer geradezu feierlichen Nichtachtung gegenüber den elementaren Rechtsbegriffen der Völker angewandt. Aber diesmal vergisst es, dass die Zahl der neutralen Länder viel grösser als damals war und dass keines derselben von den englischen Kriegsmassnahmen geschädigt sein will. In einigen kleinen neutralen Ländern macht sich bereits der Mangel an gewissen Nahrungsmitteln bemerkbar. Die schwedische Zeitung „Oester Goetlands Korrespondent” sagt, dass die Welt nicht bereit ist, die direkten oder indirekten Folgen eines Krieges des britischen Weltreiches zu tragen. „Aftonbladet”, eine andere schwedische Zeitung, erklärt, dass die Neutralen zum Schutz ihrer lebenswichtigen Interessen gemeinsam handeln sollten. Das Blatt „Arriba” in Madrid versichert, dass der englische Versuch, Deutschland zu blockieren, in erster Linie die neutralen Länder trifft. „Berlinske Tidende” in Kopenhagen bemerkt, dass wenn die Engländer sich wie Seeräuber betragen, Deutschland sich genötigt sehen würde, diese Piraten mit denselben Waffen zu bekämpfen. „Resto de Carlino” in Mailand führt den Ausspruch eines britischen Staatsmannes an, wonach England bis zum letzten Franzosen kämpfen will.

Bei der Eröffnung der 41. Holländischen Messe betonte Präsident Dr. van Vlissingen, dass man einen grossen Irrtum begehen würde, den gegenwärtigen Konflikt mit dem Weltkrieg 1914 zu vergleichen. 1914 ist der Handel infolge der Beteiligung fast aller Länder am Krieg vollständig zum Erliegen gebracht worden. Jetzt indessen ist die Zahl der Kriegführenden sehr beschränkt, so dass der internationale Warenverkehr durchaus aufrecht erhalten werden kann, wenn auch einige Begrenzungen stattfinden. Vor fünf und zwanzig Jahren haben die im Kriege stehenden Nationen ihre eigene Gütererzeugung auch für den Eigenverbrauch benötigt. Dagegen haben zurzeit die Kriegführenden das grösste

Interesse, ihre Aussenhandelsbeziehungen aufrecht zu erhalten. Aus diesem Grund besteht besonders für Holland kein Grund, die

Barata e boa luz



Arme zu kreuzen. Im Gegenteil — so unterstrich der Redner — müssen wir alles zur Weiterführung unserer üblichen Handelsbewe-

é, que a tonelagem da marinha mercante britannica é hoje consideravelmente menor que antes da guerra mundial. Todas as frotas

ocorre. Essa tonelagem é hoje menor que na guerra mundial.

Se considerarmos os algarismos registados na guerra mundial, verificaremos claramente, que já os submarinos alemães de então, que, tecnicamente falando, eram bem inferiores às unidades de hoje, conseguiram causar uma devastação entre os navios ingleses, como a marinha britânica, graças à guerra submarina, foram, durante a guerra mundial, em 1914, de 0,87 milhão de toneladas, em 1915, de 1,89 milhões, em 1916, de 2,27 milhões, em 1917, de 6,61 milhões e em 1918, de 3,33 milhões de toneladas. Existem, naturalmente, recursos de defesa contra ataques de submarinos. Churchill deu ordens aos navios mercantes britânicos que abalroem todo o submarino alemão que encontrarem, armando mesmo esses navios em grande parte. Essa medida transforma-os, porém, em navios de guerra que podem ser postos a pique, sem prévio aviso. Como já se deu durante a Grande Guerra, também agora os navios mercantes ingleses viajam escoltados por cruzadores e destroyers. Isso, representa, naturalmente, uma certa protecção; mas, ali se um comboio desses for dispersado por submarinos ou aviões de bombardeio. Ter-se-á então apanhado, numa só cajalada, vários coelhos.

Outra dificuldade desconhecida na guerra mundial reside, evidentemente, nisso em que a arma aérea embaraça hoje em dia de modo bem diferente que outrora o transporte de contrabando para a Inglaterra. Grande parte da Inglaterra encontra-se na assim chamada „zona de agressão“, ao menos toda a costa oriental. As passagens navegáveis que dão acesso aos portos são estreitas e ali as embarcações se juntam facilmente, ao alcance dos submarinos e dos aviões. Mas mesmo ao deixarem as águas da faixa neutra — varios navios escandinavos, que pretenderam

conduzir contrabando de guerra para a Inglaterra, tiveram de perceber-o, muito a contragosto seu — pôde-se deter navios com rumo à Inglaterra mais commoda e mais rapidamente hoje que durante a guerra mundial.

E' aconselhavel, pois, que a Inglaterra se prepare, de facto, para uma guerra prolongada? Caso a guerra venha a ser declarada realmente, a grande questão é saber, se não será a Inglaterra, antes que a Alemanha, que arriará a mochila. Será, outrossim, duvidoso, se os estaleiros ingleses, como isso se deu na Grande Guerra, estarão em condições de substituir, por meio de novas construções, cerca da metade dos navios afundados, uma vez que esses estaleiros poderão ser ameaçados — cousa aliás desagradavel — do ar. Caberá ainda saber, se os neutros estarão dispostos a permitir que seus navios naveguem para a Inglaterra, em face do risco hem maior hoje em dia que na guerra mundial.

Na Inglaterra gosta-se de comer bem. De manhã, quando o alemão toma, modestamente, seu café, sente-se em toda casa inglesa mais ou menos remediada o cheiro agradável de „bacon and eggs“ — o, tão apreciado quebra-jejum de presunto e ovos. Não há dúvida nenhuma — acompanhado de optimo chá inglês, torradas de pão branco e uma variedade de gostosas geleias de frutas — isso constitue uma delicia. O busilis é saber, até quando durará esse gozo. Se as cousas alli continuarem como até aqui e se naquellas bandas se pretende mover uma guerra de tres annos, não tardará que essas bellezas todas tenham um breve fim. Já agora começam a desenhar-se no rosado rosto de John Bull os primeiros vincos da fome. Este já começa a reflectir. Talvez se torne mais meditando ainda, pois hoje as cousas não são mais como em 1914—1918. A guerra actual é bem diferente — e poderá tornar-se mais diferente ainda ...

Servir á paz do mundo

Nos ficaremos neutros

Os tempos de hoje não se parecem com os tempos da grande guerra. 1939 não é 1914. Esta clara situação foi compreendida pelos Estados neutros que não estão resolvidos a deixar-se imiscuir na nova guerra. Primeiro que tudo desejam que o seu territorio e o seu espaço sejam inteiramente repetidos e, por este motivo, estão dispostos a defender-se mesmo com as armas, se isso for necessario, contra qualquer infração da sua neutralidade.

Mas neutralidade não é somente a manutenção da integridade do nosso territorio mas também a liberdade dos mares e o direito de exercer commercio livre com todas as nações, sem termos de nos submeter a quaesquer limitações e a um controle indigno que seria, certamente, a negação daquilo que entendemos por neutralidade.

A liga dos países neutros, reunida em Oslo, apresentou já as suas justas exigencias. Os Estados que pertencem a esta liga recusaram energicamente qualquer limitação da sua navegação ditada pelo controle marítimo. Estes Estados, sendo neutros, não deixam prescrever pelos outros as materias primas que tem

licença de importar. A comprehensão correcta da neutralidade exige a continuação do commercio no interior como no exterior, como até agora se realizava.

Tambem as nações do oriente e do sudeste da Europa pertencem as nações pacificas e desejam a localização do conflito militar. A Italia, a Yugoslavia, a Hungria, a Russia, a Rumania, a Bulgaria, a Grecia e também a Turquia ficam todas neutros, servindo assim ao bem-estar dos povos e a paz do mundo. Certamente que aqui e ali estão em acção os agitadores da guerra. Mas onde ficarão elles quando se trata de defender pelas armas a liberdade da nação? Elles não serão convocados e continuarão comodamente à sua mesa de trabalho, longe do campo de batalha, envenenando a opinião publica.

Segundo nos ensina a experiencia, estes agitadores da guerra são na maior parte tamhem os que lucram com a guerra, são aquelles que friamente accumulam sommas gigantescas, enquanto os melhores filhos do povo perdem o seu sangue e as mulheres e crianças sofrem das misérias e dos terrores da guerra no corpo e na alma. Foi assim na grande guerra, e quem sabe se outras nações não teriam ainda entrado na guerra, se não houvesse homens que tivessem comprehendido o jogo egoista destes agitadores.

E' interessante recordar que em 1915, foi apresentada uma petição assignada por 250 000 cidadãos argentinos e dirigida ao presidente da Republica, Hipolyto Irigoyen, para abandonar a neutralidade e exigindo a participação na guerra contra a Alemanha. Um quarto de milhão de assignaturas a favor da guerra! A primeira vista tal petição era impressionante. Então o grande politico argentino Estanislaw Cavallos fez uma proposta ao presidente que levava a seguinte decisão:

Se a Argentina, por motivo da petição enviada, tiver de entrar na guerra, o exercito nacional deve continuar na patria e aquelles que assignaram a petição e que desejam a guerra devem ser convocados e enviados para a frente.

Isto foi um golpe profundo no balcão dos agitadores e não admira que esta decisão tivesse feito calar completamente o entusiasmo da guerra. Nunca mais se ouviu nada acerca duma nova petição e a Argentina fez o mais razoavel que podia fazer: ficou neutra. E hoje, em 1939, a neutralidade é a unica attitude possivel para nos. Nos não podemos impedir a guerra. Os Estados belligerantes devem suportar as consequencias. Nós ficaremos fora do jogo. Nós não queremos sacrificar o nosso sangue a favor d'uma potencia belligerante e não queremos paralizar o nosso commercio e levar o nosso povo para sacrificios inuteis.

Nós não tivemos culpa nenhuma na origem do conflicto e todas as tentativas para nos fazer sofrer a dureza e o terror da guerra, com medidas economicas, são a infração da nossa neutralidade. Nós repetimos a nossa exigencia: queremos a liberdade dos mares e a liberdade do commercio no interior e no exterior. Temos direito a isso porque somos neutros e desejamos ficar neutros. Só assim poderemos servir a paz do mundo.

Die Erdölwirtschaft Sowjetrußlands

Mit kurzen durch den Weltkrieg 1914—18 und die nachfolgende russische Revolution verursachten Unterbrechungen steht Russland ständig hinter den Vereinigten Staaten an zweiter Stelle unter den Erdöl fördernden Ländern. Vor 1914 lieferte es etwa 20 vH. der Weltproduktion an Erdöl, ging 1920—21 auf 4 vH. zurück und leistete in den letzten Jahren wieder rund 11 vH.

Zahlentafel 1

Jahr	Menge in 1000 t	Anteil an der Weltproduktion in %
1890	3.931	37
1900	10.382	52
1910	9.636	21
1913	9.193	17
1920	3.830	3,9
1930	18.622	10
1935	25.139	11
1936	27.416	11
1937	27.686	10
1938	28.859	11
1. Halbjahr 1939	14.807	11

Nach wie vor leisten die kaukasischen Erdölreviere, und an ihrer Spitze das wohl wichtigste und reichste Erdölfeld der Erde, Baku, den Hauptteil der russischen Oelförderung. Immerhin ist der Anteil der russischen Oelförderung der kaukasischen Reviere an der Gesamtförderung von 96 vH. im Jahre 1913 auf 91 vH. im Jahre 1938 zurückgegangen. Baku leistet jedoch allein immer noch Dreiviertel der gesamten Erdölgewinnung. Dass dieses räumlich verhältnismässig eng beschränkte Revier eine Reihe von Jahrzehnten hindurch nicht nur seine Förderung aufrecht erhalten, sondern sogar noch steigern konnte, beruht auf der Tatsache, dass die dort vorliegenden tertiären Sande und Sandsteine am Rande von Salzdomen eine sehr grosse Anzahl von übereinander liegenden Oelhorizonten führen, so dass die einzelnen Bohrungen durch einfaches Tieferbohren eine in der Erdölwirtschaft der Welt einzigartige Lebensdauer erreichen. Die geologischen Voraussetzungen der Erdölproduktion in den beiden anderen grossen kaukasischen Revieren Grosny und Maikop sind ähnlich. Hier ist es aber in den letzten Jahren der mit grossem Eifer und erheblichem Aufwand ausgeführten Schürftätigkeit der Sowjetunion gelungen, auch eine Reihe bedeutsamer geographischer Erweiterungen aufzufinden.

Das Hauptziel der russischen Planwirtschaftspolitik in der Erdölindustrie bestand aber in der Entwicklung neuer Erdölbasen im Landesinnern, um dem Aufbau der russischen Wirtschaft günstig gelegenen Erdölversorgungsmöglichkeiten zuzuführen. Das Projekt eines „zweiten Baku“ ist von Stalin selbst im Jahre 1933 verkündet worden und hat in der Tat seitdem eine Reihe recht bemerkenswerter Funde und Erschliessungen gezeitigt. Als das „zweite Baku“ hat sich aber nicht, wie zunächst erwartet, das Embarevier zwischen Ural und Kaspisee, sondern das noch vor wenigen Jahren so gut wie unbekanntes Revier zwischen der mittleren Wolga und Kama und dem Ural erwiesen, mit den Schwerpunkten bei Samara, Sterlitamak und Ufa. Hier tritt Oel in karbonischen Schichten in den verhältnissmässig alten Gebirgsreliefs auf, deren Auffindung im wesentlichen den modernen geophysikalischen Tiefenverfahren zu danken ist.

Das erst 1932 entdeckte wichtigste Feld von Ischembajevo am Westabhang des Süduural leistete im letzten Jahre bereits fast 1 Million Tonnen. Die Entwicklung des Embareviers ist vor allem deshalb zurückgeblieben, weil die Klima- und Verkehrsverhältnisse in der kleinkirgischen Steppe die Bohrarbeiten usw. allzu sehr beeinträchtigen und verteuern. Das gilt auch von den weiter östlich teils bereits festgestellten, teils vermuteten Erdölfeldern Kasakstans, ganz abgesehen davon, dass die Planwirtschaftspolitik auf Erdölförderung in diesen abgelegenen Landschaften weniger Wert legt. Grosse Mühe hat man sich aber mit der Auffindung von Erdölfeldern in Ostsibirien gegeben, das zur Hauptsache noch mit nordamerikanischem (kalifornischem) Rohöl versorgt wird. Die auf Nord-Sachalin liegenden Erdölvorkommen sind in der Hauptsache noch auf einige Jahre an Japan verpachtet, und die Schürftätigkeit auf den Russland vorbehaltenen Feldteilen hat sich bisher nicht allzu erfolgreich entwickelt. Dagegen wird in jüngster Zeit von aussichtsreichen Funden am Nordostabhang des Aldangebirges in der Gegend von Yakutsk berichtet, allerdings in einer der unwirtlichsten und verkehrsungünstigsten Landschaften des Riesenreiches. Eine genaue Statistik der Leistung der einzelnen Reviere wird seit Jahren nicht mehr veröffentlicht. Einen gewissen Anhalt auf den Anteil der einzelnen Reviere gibt Zahlentafel 2.

Zahlentafel 2

Revier	Anteil an der Gesamtford. 1938 in %
I. Kaukasus:	
Baku	75
Grosny	10
Maikop	6
Daghestan	—
Krim	—
Kuban	—
II. Sogenannte östliche Basis:	
Ischembajevo	2
Emba	2

Aktinbinsk	3
Sizran	—
Bugurusian	—
Prikama	—
Tuimazi	—
III. Sonstige Gebiete:	
Sachalin (ohne japanischen Anteil) über	1
Jurkoman (Ferghana) fast	1
Ayano-Maisk (Jakutien)	—

Die bemerkenswerteste Leistung der russischen Erdölwirtschaft liegt in dem Aufbau einer mengenmässig sehr leistungsfähigen und auch technisch teilweise bemerkenswert hochstehenden Raffinerieindustrie. Während vor dem Weltkrieg 1914—1918 der Hauptteil der Erdölförderung als Rohöl ausgeführt bzw. im Inland verbraucht wurde, gelangen heute nicht weniger als 93 vH. der Gesamtförderung zu den Raffinerien. Sie liegen hauptsächlich in den Erdölrevieren selbst, teilweise aber auch in den Verschiffungshäfen Batum und Tuapse, wohin das Rohöl mittels Rohrleitungen gelangt, oder auch in den Hauptverbrauchsgebieten (Ural). Eine besonders bedeutende und grossartige Anlage ist kürzlich im Grosnyrevier errichtet worden; mit der zunehmenden Motorisierung der Sowjetunion sowohl des Verkehrs wie auch der Landwirtschaft und mit der raschen Entwicklung des Flugwesens ist die Erzeugung hochwertiger Benzins heute als Hauptaufgabe der Raffineriewirtschaft anerkannt. Im übrigen spielt im Gegensatz namentlich zu den übrigen europäischen Ländern die Erzeugung und der Verbrauch von Leuchtöl auch heute noch eine sehr grosse Rolle in der russischen Erdölwirtschaft.

Zahlentafel 3

Russlands Verbrauch an Mineralölen 1937
Diesel- und Heizöl 8,5 Millionen Tonnen oder 36 vH. des Gesamtverbrauchs;
Leuchtöl 7,5 Millionen Tonnen oder 31 vH. des Gesamtverbrauchs;
Benzin 5,0 Millionen Tonnen oder 21 vH. des Gesamtverbrauchs;
Schweröl 2,2 Millionen Tonnen oder 9 vH. des Gesamtverbrauchs;
Rückstände und sonstiges Oel 0,7 Millionen Tonnen oder 4 vH. des Gesamtverbrauchs.
Insgesamt 23,9 Millionen Tonnen.
Für die neuere Entwicklung der russischen Erdölwirtschaft bildet das immer stärkere Ueberwiegen des Inlandmarktes das entscheidende Merkmal. Trotz wachsender Fördermengen liefert Sowjetrußland immer weniger Oel an den Weltmarkt, da die Förderung nicht mit dem wachsenden inländischen Bedarf Schritt zu halten vermag. Der Ausfuhranteil der russischen Produktion ist im Gegensatz zur Zeit vor 1914 sowohl für die Erdölindustrie selbst wie auch für die Weltmarkt nahezu bedeutungslos geworden.

Zahlentafel 4

Jahr	Ausf. in 1000 t	Anteil an der Förd. in %
1925	1330	18
1926	1422	16
1927	1884	17
1928	2443	20
1929	3858	26
1930	4712	25
1931	5224	23
1932	6106	29
1933	4894	23
1934	1315	18
1935	3354	13
1936	2653	10
1937	1930	7
1938	1150	4

Die russische Statistik gibt für die letzte Zeit keine genaueren Zahlen hinsichtlich der Ausfuhrleistung an. Aus den Einfuhrstatistiken der Empfangsländer lässt sich ermitteln, dass die russische Ausfuhr überwiegend nach Frankreich, Grossbritannien und Italien gelangt ist.

Infolge der riesigen Entfernungen Sowjetrußlands spielt die Transportfrage auch hinsichtlich der Mineralöle eine besonders grosse Rolle. 1938 wurden 42 vH. mittels Eisenbahn, 35 vH. mittels See- und Flusschiffen und der Rest mittels Rohrleitungen fortgeleitet. Dass das Transportwesen mit der raschen Entwicklung von Bergbau und Industrie nicht Schritt zu halten vermag, ist einer der Hauptgründe dafür, dass auch die Erdölindustrie nicht ganz die hochgesteckten Ziele der Planwirtschaft erfüllt. Die Förderung von 1938 entspricht nur zu 85 vH. der Planziffer des Dritten Fünfjahresplanes. Ein anderer Grund liegt in den Schwierigkeiten der jungen Industrie, das erforderliche Bohrmaterial in ausreichender Menge und Qualität zur Verfügung zu stellen; die Bohrungen sind infolgedessen in den letzten Jahren nicht nur hinter den Planziffern zurückgeblieben, sondern auch absolut zurückgegangen.

Auf der anderen Seite steht fest, dass im russischen Boden noch ausserordentlich grosse Oelvorräte vorhanden und teilweise auch mit einiger Gewissheit bereits nachgewiesen sind. Der kürzlich verstorbene russische Chefgeologe Gubkin hat den Gesamtvorrat 1938 auf nicht weniger als 8,7 Milliarden Tonnen geschätzt, wovon er 11,4 vH. als nachgewiesen, 42,3 vH. als wahrscheinlich und 46,3 vH. als geologisch möglich ansieht. Die Schätzungen werden auch von russischer Seite vielfach angezweifelt; mit Sicherheit kann man aber annehmen, dass die jetzige Förderung und womöglich noch erhebliche Steigerungen auf abschbare Zeit gesichert sind.



DAS ABSTREICHEN EINES ZUNDHOLZES KLINGT WIE EINE EXPLOSION!

Durch Grosstadtlaerm und Arbeit ueberreizt streiken unsere Nerven oft. Adalina ist dann das sofort wirksame und dabei vollkommen unschaedliche Beruhigungsmittel.

In Tuben mit 10 Tabletten zu 0,5 gr.

Neue Packung mit 6 Tabletten zu 0,25 gr.



VIGOR-MILCH
 Die beste Milch in São Paulo
 S. A.
 Fabrica de Productos Alimenticios "VIGOR"
 Rua Joaquim Carlos 178
 Tel.: 9-2161, 9-2162, 9-2163

SOCIEDADE TECHNICA BREMENSIS
 LTDA.
 STAMMHAUS:
 São Paulo - Rua Florencio de Abreu N° 139

Maschinen u. Werkzeuge
 fuer Metall-, Blech- und Holzbearbeitung, Elektr. Schweißmaschinen, Pumpen "Weise" Feuerlöcher "Minimax", Schleifscheiben "MSO", "Alpine" Stehle, Elektrowerkzeuge "Fein", Landwirtschaftliche Maschinen.

Graphische Maschinen u. Materialien
 jeder Art. Maschinen fuer Papierverarbeitung und Kartonagenindustrie, Drucker-Materialien, "Intertype" Setzmaschinen, Vertrieb der Erzeugnisse der Schriftglosserei "Funtymod", Moderne Reparaturwerkstätten, Messerschleiferei, Walzenglosserei.

Elektro Materialien
 Größtes Lager aller Installationsartikel, Draehle, Kabel, Motoren, Dynamos, Schaltapparate, Elektrische Haushaltsartikel, Beleuchtungsgläser, Lampen, Staubsauger und Bohrmaschinen "Progress".

Feld- u. Eisenbahnmateriale
 Alleinverkauf der Erzeugnisse der Orenstein & Koppel A. G. Dieselmotorenlokomotiven, Strassenwalzen, Bagger, Grosser Stock von Feldbahnmaterial und Schienen, Diesel-Fahrgestelle fuer Lastwagen und Omnibusse "Bussing-NAG".

Cliché Fabrik
 Autotypen, Strichzeichnungen, Mehrfarbenclichés in hoehchster Vollendung, Entwürfe, Zeichnungen, Ratschen, Photolithos, Grösste Anstalt Südamerikas.

Abteilung Auto-Union
 DKW - WANDERER - HORCH
 Automobile
 DKW Motorraeder
 Ausstellungsraume und Reparaturwerkstaette
 São Paulo - rua Ypiranga, 114-118

Filialhaeuser:
 RIO DE JANEIRO - CURITYBA - RECIFE

THEODOR WILLE & CIA. LTDA.
 IMPORT - EXPORT - VERTRETUNGEN
 LARGO DO OUVIDOR 2
 SÃO PAULO

Baumaterial
 Salz - „BRILHANTE“ und „THEWICO“
 Glatte Draht und Stacheldraht - „THEWICO“
 Sämtliche Düngemittel - besonders „RHENANIA-PHOSPHAT“
 Maschinen für sämtlichen Bedarf
 Hydraulische Widder - „JORDÃO“
 Waagen aller Art - „THEWICO“
 Eisenbahnersatzteile - „RUHRSTAHL“
 Lokomotiv-Drehscheiben usw. - „VOEGELE“
 Lokomotiven, Strassenwalzen usw. „HENSCHEL“
 Turbinen und Maschinen für Papierfabrikation - „VOITH“
 Feuerlösch-Geräte - „FLADER“, „METZ“, „WINTRICH“ usw.
 Landwirtschaftliche Maschinen und Traktoren „CASE“
 Schmieröle und Fette - „GARGOYLE-MOBILOEL“
 Drahtlose Stationen - „LORENZ“
 Gefrieranlagen - „FREUNDLICH“
 Nähmaschinen „PFAFF“
 Flugzeuge aller Typen
 Kräne - „ARDEL“
 Schiffe jeder Art - „HOWALDT“
 Schiffsmotore - „DIESEL“ - „DWK“
 Autoreifen und Schläuche „CONTINENTAL“
 Mühlen für Reis und Mandioka - „STRECKEL & SCHRADER“

Generalagenten der
Hamburg - Südamerikanischen Dampfschiffahrts-Gesellschaft
 und der
Cia. Internacional de Seguros

Wer sein Geld stets in der Tasche trägt, gibt es aus.
 Legen Sie jeden Monat nur einen kleinen Betrag auf
Sparkonto
 an, so erleichtern Sie sich das Sparen, und das zurückgelegte erhöht sich um Zins- und Zinseszinsgewinn.

Banco Germanico
 da America do Sul
 São Paulo

R. Alvares Penteado 121 (Ecke Rua Quitanda)
 Rio de Janeiro, Rua da Alfandega 5
 Santos, Rua 15 de Novembro 114

„Zum Hirschen“ Hotel und Restaurant
 Rua Victoria 186 - Tel. 4-4561
 São Paulo Inh.: Emil Russig

Alfaiataria Henrique
 Av. S. João 345 - Tel. 4-3196 - App. 2
 Deutsche Schneiderei
 Für fachmännische Ia. Ausführung garantiert der technische Leiter Henrique Dietrich.

Deutsche! Wartet nicht bis zum letzten Moment, um euren Aufenthalt im Lande nach dem neuesten Dekret zu legalisieren und die vorgeschriebene Registrierung vorzunehmen. Dies besorgt billig und absolut zuverlässig:
„A Informadora“ Predio Pirattinguy, R. João Brícola 10, 9. St., Sala 932/33.
 Dort werden ebenfalls Aus- und Rückreise-Visums besorgt.

Sturmfahrt der „Tinto“

F. W. FLEISCHER / Verlag Gerhard Stalling, Oldenburg i. O.

(Fortsetzung.)
 Zum Glück bringt unser Funkenpuster Wolf etwas Abwechslung hinein. Er hat einen Funkspruch von der englischen Station Port Stanley an einen englischen Kreuzer abgenommen. Port Stanley warnt vor „einem feindlichen Hilfskreuzer mit zwei Masten und einem dicken Schornstein, wahrscheinlich hohe Fahrt laufend, gut bewaffnet, ausgerüstet mit Torpedorohren“. Das kann nur ein deutscher Hilfskreuzer sein, und es ist möglich, dass er nicht weit von uns ab steht. Fieberhafte Aufregung an Bord. Doppelter Ausguck zieht auf. Ständig sitzt ein freiwilliger Ausguckposten auf der Bramrah mit unserem besten Zeissglas. Aber Tage hindurch ist weit und breit nichts zu sehen. Eine herbe Enttäuschung.
 Der Ausguck entdeckt früh morgens einen Segler. Es ist unser erstes Schiff, dem wir begegnen; er läuft von achtern auf. Schon ist die ganze Besatzung auf den Beinen, selbst die unentwegtesten Schläfer kommen an Deck. Jedes einzelne Segel wird noch einmal genau nachgeprüft, unser Besan noch ein bisschen gefiert, unser Kurs mit dem unseres Mitseglers verglichen und dann scharf aufgepasst, ob er uns aufkommt. Bis Mittag hat er noch nicht viel geschafft. Aber wir stellen fest, dass es ein moderner Segler mit mächtig hoher Takelage ist. Das macht uns sehr stolz auf unsere alte „Tinto“, denn das andere Schiff läuft nur eine halbe bis eine Seemeile mehr als wir, das ist nicht so arg viel. Allerdings sind wir in Ballast und jener hat bestimmt volle Ladung. Uns will scheinen, als ob er auf uns zuhört. Wir wollen ihn aber nicht zu nah heranlassen. Ein deutscher Segler ist er sicher nicht, und jeder andere würde uns wahrscheinlich einem englischen Kreuzer melden, da wir als Segler in Ballast ohne weiteres Misstrauen erregen. Denn es sind Kriegszeiten, wo jeder Laderaum äusserst ausgenutzt wird und Schiffe in Ballast einen verdächtigen Luxus bedeuten. Dass englische Kreuzer in unserer Nähe sind, wissen wir nur zu genau durch unsere Empfangsstation, und wir legen keinen Wert darauf, ihnen zu begegnen. Darum weichen wir aus. — In der Nacht kommt der Segler aus Sicht.

Am 16. Januar erreichen wir den Wendekreis des Steinbocks. Wir sind nun mit der „Tinto“ 45 Tage in See und haben 4332 Seemeilen über den Ozean zurückgelegt, eine gute Strecke.
 In der Abenddämmerung erhebt sich grosses Geschrei und Lärm vorn im Schiff, und ein gruseliger Ruf: „Schiff ahoi!“ ertönt. Unter Fackelschein und Katzenmusik steigt der Klabautermann, begleitet von Meergöttern und Trabanten in toller Aufmachung an Bord. Wir stehen erwartungsvoll auf dem Achterdeck, der phantastische Zug wälzt sich achteraus. Der Klabautermann hält eine feierliche Ansprache in bestem Hamburger Platt an den Kapitän: Neptun habe von der kühnen Tat der deutschen Seeleute vernommen,

vom Leibe und stülpen unter dem Indianergeheil der Menge einen nach dem anderen kopfüber in eine grosse Balje mit Seewasser. Wer auf die Frage, ob er das Kielschwein grunzen gehört habe, „nein“ sagt, wandert nochmals, Kopf voran, in die Balje. Während wir uns prustend von dieser rituellen Handlung erholen, verschwindet der ganze Spuk wieder unter der Bak. —
 Der Wind ist, wie auf jedem Segelschiff, unser Stimmungsbarometer, es steht auf Orkan, als wir den ganzen Tag über ganze sechs Seemeilen zurücklegen. Der Passat will und will nicht kommen. Die Ungeduld steigt immer mehr, denn uns treibt die Sorge, zu spät zu kommen zu dem grossen Ringen in der Heimat.

Confeitaria  **Viennense**
 Aeltestes und vornehmstes Haus
 Nachm. und abends gutes Konzert
 Tel. 4-9230 - RUA BARÃO DE ITAPETININGA 239 - S. Paulo

die es gewagt hätten, Englands Willkür zum Trotz ein Schiff auszurüsten, um die deutsche Heimat zu erreichen. Neptun habe ihn, den Steuermann für die deutschen Schiffe entsandt, um das waghalsige deutsche Schiff zu begrüssen und sicher zum Äquator zu geleiten. Er sei aber auch beauftragt festzustellen, ob auch schon alle die alleinseligmachende, von allem irdischen Schmutz reinigende Taufe auf einem Segelschiff empfangen hätten. Drum solle jeder jetzt seinen Taufnamen nennen! Als er zu unserem „Dresden“-Häuflein kommt und wir unsere Taufnamen nicht nennen können, erhebt sich ein grausiges Geheul und wütendes Knurren unter den Trabanten. „Gebt ihnen die Nottaufe und lasst sie das Kielschwein grunzen hören“, kommandiert mit markerschütternder Stimme der Klabautermann. Da hilft kein Sträuben — die Trabanten und Meergötter fallen über uns her, reissen uns die Kleider

Gewissermassen als neue Menschen wachen wir am 23. Januar auf; denn der Südostpassat ist durchgekommen! Lachender blauer Himmel wölbt sich über der azurblauen See, strahlend scheint die Sonne. Der frische Südost treibt lustige weisse Wölkchen vor sich her. Unsere „Tinto“ wiegt sich behaglich in leichtem Seegang, kleine blendend weisse Schaumköpfchen tänzeln vorbei, als wollten sie mit der Alten spielen. Man sieht wieder an Deck nur blanke Augen und frohe hoffnungsfreudige Gesichter. Der Widerpart von gestern ist heute wieder gut Freund, denn es geht vorwärts — sechzig, hundert, hundertvierzig, ja einhundertundachtzig Seemeilen im Tage. Ja, der Passat, er ist doch der verlässlichste Freund des Segelschiffs.
 Nun gilt es, ihn auszunutzen und die schmalste Stelle zwischen dem Südost- und Nordostpassat zu finden, um ohne viel Aufenthalt in der Mallung von einem Passat in

den anderen hinüberzugleiten.
 Wir nähern uns dem Äquator. Man stösst überall im Schiff auf geheimnisvolle Vorbeirufungen, die natürlich vor uns „Dresden“-Männern ängstlich verborgen werden. Die Linieltaufe spukt und unsere Kadetten können vor Spannung den Augenblick kaum erwarten, bis sie loslegen können.
 Mit sehr flauen Südostpassat erreichen wir am 1. Februar mittags den Äquator. „Boot voraus“, ertönt die Stimme des Ausguck und alarmiert das ganze Schiff. Da steigt auch schon unser alter Freund, der Klabautermann, mit seinem Rudergänger über die Bordwand und ergreift als Steuermann das Kommando, um das Schiff sicher über die Linie zu steuern. Im Handumdrehen sind alle Segel durcheinandergesprast und das Schiff dreht sich im Kreise. Jetzt steigt der Beherrscher der Meere, Neptun, mit seiner Gemahlin Thetis an Bord, dahinter ein endloses Gefolge. In feierlichem Zuge geht es mit schenslich quäkender Musik auf Achterdeck; voran die Mohren, mühsam an der Kette gehalten, dann Neptun, eine Krone auf dem Haupt, einen mächtigen Dreizack in der Faust, in himmelblauem Mantel mit goldenen Sternen, neben ihm die flachsblonde Thetis, mit langer weisser Schleppe, und dahinter das Gefolge — der Astronom, der Aktuar, der Pfarrer mit der grossen Holzbibel, der Doktor, der Barbier und die Schar der Trabanten und fahrenden Musikanten, eine phantastisch aufgetuppte Gesellschaft. Neptun begrüsst das Schiff durch eine gnädige Ansprache und überreicht dem Kapitän für seine Verdienste einen Halsorden. Nun ruft der Aktuar alle diejenigen auf, die Neptun eines Ordens für würdig erkennt, und Thetis überreicht die Auszeichnung mit schüchternem Lächeln. Jetzt kommt der Pfarrer zu Wort, und das Lied: „Haarig, haarig ist die Katz“ wird gesungen. — Nun wird es ernst: der Astronom greift zum Fernrohr und schaut nach der Linie aus. Sie naht — die Trabanten entern auf, um die Linie von den Masten freizuwerfen und unter dem „Achtung null“ des Astronomen gleitet das Schiff hinüber auf die nördliche Halbkugel. — Die Taufe beginnt. Da uns nichts Gutes ahnte, haben wir sicherheitshalber nur leichteste Kleidung an. Jetzt ruft der Aktuar uns Nottauflinge auf, die nunmehr endgültig die rei-

Dralle Birkenwasser
 enthält natürlichen Birkensaft

KRANK?

Dann lassen Sie sich

homöopathisch

behandeln. — In dem

Dispensario Homöopathico São Paulo
Praça João Mendes 130

stehen Ihnen von 9—18,30 Uhr die besten homöopathischen Aerzte São Paulos

unentgeltlich

zur Verfügung. Denken Sie daran, dass jede leichte Erkrankung in eine schwere Krankheit ausarten kann. Die Homöopathie heilt auch in schwersten Fällen auf eine milde Weise und mit recht geringen Spesen.

(Geben der homöopathischen Apotheke Dr. Willmar Schwabe Ltda.)

CASA TURF

Rua Direita 119

Das deutsche Haus für feine Herren-Artikel

JENKE & SCHAEFFTER

Dres. Leheld und Coelho
Dr. Walter Hoop
RechtsanwälteSão Paulo, Rua Libero Badaró Nr. 443,
Telef.: 2-0804 — 2. Stock, Zim. 11—16 — Postfach 444**Dr. Mario de Fiori**Spezialarzt für allgemeine Chirurgie
Sprechst.: 2—5 Uhr nachm., Sonnabends: 2—3.
Rua Barão de Itapetalinga 139 - II. andar - Tel. 4-0038

Deutsche Apotheke

Ludwig Schwedes

Rua Libero Badaró 45-A
São Paulo / Tel. 2-4468**Dr. Erich Müller-Carioba**Frauenheilkunde und Geburtshilfe
Röntgenstrahlen — Diathermie
UltravioletstrahlenKons.: R. Aurora 1018 von 2-4,30
Uhr. Tel. 4-6898. Wohnung: Rua
Groenlandia Nr. 72. Tel. 8-1481**Dr. G.H. Nick**Facharzt
für innere Krankheiten.Sprechstunden täglich v. 14-17 Uhr
Rua Libero Badaró 73, Tel. 2-3371
Privatwohnung: Telefon 8-2263**Deutsche Apotheke**
In Jardim AmericaAnfertigung ärztlicher Re-
zepte, pharmazeutische
Spezialitäten — Schnelle
Lieferung ins Haus.RUA AUGUSTA 2843
Tel. 8-2182**Vor**
Annahme falschen Geldesschützt der bargeldlose Zahlungsverkehr
Eröffnen Sie ein Konto beim**Banco Allemão**
Transatlantico

RUA 15 NOVEMBRO 268

und zahlen Sie Ihre Rechnungen

per Scheck!Zu jeder gewünschten Zeit erhalten Sie
von uns einen Auszug ihrer Rechnung, um
Ihnen die Kontrolle über Ihre Zahlungen
zu erleichtern.**Versicherungen**Caixa 94 **G. OPITZ** Telefon 2-9367**Modenschau**
im eigenen Heim

— jeden Monat neu — mit „Beyers Mode für Alle“, der großen, deutschen Mode-Zeitschrift! In jedem Heft über 80 prachtvolle, meist bunte Modelle (alle auf 2 Schnittbögen!). Z.B.: Mäntel, Kostüme, Kompletts und Jacken, praktische und elegante Kleider, hübsche Blusen, Sportliches, günstige Vorschläge für Vollschanke, nette Kinderkleider, außerdem Haushaltsratschläge und Rezepte. Jeden Monat solch ein reichhaltiges Heft für nur 80 Pf.!

Beyer-Verlag
Leipzig - Berlin

nigende Taufe erhalten sollen. Jeder wird sorgfältig vom Barbier mit schrecklichem Quast und noch fruchtbarerem Seifengemisch eingeseift mit dem Riesenrasiermesser aus Holz rasiert und von dem Doktor mit einer scheusslich schmeckenden Pille, sowie einer übel-schmeckenden Spritze gelabt, und dann geht es rückwärts über das Sitzbrett in die Balje. Darauf werden wir noch durch den Windsack gejagt und zum vollgültigen Segelschiffsmann geläutert, tauchen wir prustend und verzweifelt nach Luft schnappend am anderen Ende des Windsacks wieder auf.

Zweihundschzig Tage sind wir nunmehr in See und haben 5870 Seemeilen zurückgelegt, ohne Land zu sichten. Zur Kontrolle unserer Chronometer steuern wir jetzt die kleine, mitten im Ozean gelegene, unbewohnte Inselgruppe der St. Paul-Rocks an. Diese winzige, flache Insel gilt es, im grossen Weltmeer zu finden; das ist die Generalprobe für unsere gesamte Navigation. Alle zwei Stunden wird die Sonne gemessen und aufs sorgfältigste Kurs und Fahrt bestimmt. Die Nacht über wird trotz des günstigen Windes backgebrast, damit wir an dem kleinen Eiland nicht etwa vorbeilaufen. Bei Hellwerden entdeckt Gerlach von der obersten Rah zu unserer grossen Freude St. Paul an Backbord, kaum sechs bis sieben Seemeilen ab. Das ist ein grosser Erfolg, und damit haben unser Chronometer und die Navigation ihre Prüfung glänzend bestanden. Wir halten auf das Eiland zu; es besteht nur aus kahlen, unwirtlichen Felsen, und ist ein eigenartiges, unheimliches Gebilde, das mitten im Weltmeer aus einer Tiefe von fast 2000 m herausragt, ohne jeden Uebergang. Eine schwere Brandung umtost die Insel, die unbetretbar für eines Menschen Fuss, und lediglich Zufluchtsort für Millionen von Vögeln ist. Mit allen Sextanten — wir haben deren zwanzig an Bord — werden jetzt Reihenbeobachtungen der Sonne unter genauer Festlegung des Schiffsortes durch Abstandsmessungen von St. Paul gemacht zur Standkontrolle unseres Chronometers. Die Ausrechnung ergibt einen Standfehler von kaum acht Sekunden, und das in dreiundschzig Tagen. Wir können mit ruhigem Gewissen nach unserem Chronometer weiterfahren, er ist tadellos in Ordnung, und eine grössere Genauigkeit ist nicht zu verlangen. Diese Erkenntnis bedeutet für unsere ganze künftige Fahrt einen ausserordentlichen Gewinn an Sicherheit und Zutrauen.

Wir steuern wieder Kurs Nord; der Südostpassat hat uns verlassen, und wir sind in die Mollungzone zwischen den Passaten eingetreten. Unser Wasservorrat geht stark zur Neige, es kann nur noch ein Liter pro Kopf und Tag verausgabt werden, und das Waschen muss ausfallen, bis der Himmel uns Regen spendet. Lange darf es nicht mehr währen. Wir treffen alle möglichen Vorbereitungen zum Wasserauffangen. Ein grosses Segel liegt auf dem Mitteldeck; es braucht nur ausgeholt und steifgesetzt zu werden, dann läuft das Wasser direkt in die Tanks. Pützen und Baljen stehen so klar, dass das von verschiedenen Stellen ablaufende Regenwasser aufgefangen wird. Es geht wie nach Wunsch — schwarze Regenwolken ziehen herauf und die Schleusen des Himmels öffnen sich zu einem wolkenbruchartigen Regen, wie wir noch keinen erlebt haben. O diese Seligkeit — die Kleider fliegen vom

Leibe, und wir stürzen hinaus in den erquickenden, warmen, reinigenden Regen. Auf dem vorderen Mitteldeck, das zum Waschen benutzt werden darf, tummelt sich ein Haufen von nackten Gestalten, schäumend vor Seife und schwelgend in Reinlichkeit. Bald sind unsere Wassertanks voll bis zum Rand, aber unaufhaltsam strömt es weiter vom Himmel. An Deck wird mit Süsswasser gründliches Reinschiff gemacht und alle Baljen, Pützen und sonstigen Behälter mit dem kostbaren Nass aufgefüllt. Immer noch giesst es wie aus Kübeln.

Ich habe um Mitternacht Wache. Der Regen hat aufgehört, aber Tauwerk und Segel sind noch regenschwer und kleine Bächlein rinnen von der Takelage. In der Finsternis machen die schwarzen regennassen Segel einen gespenstischen Eindruck. Die

klar zum Manöver! — aber es ist, als ob ich keine Stimme mehr habe. Der Schrei wird vom Munde weggeweht und geht unter in dem Tosen der Bö. Immer weiter legt sich das Schiff über, und im gleichen Augenblick geht oben in der Takelage ein Höllenlärm los, als käme die ganze Takelage von oben. Ein irrsinniges Knattern und Prasseln, wie Maschinengewehrfeuer. Fünf, zehn Sekunden klammere ich mich wie gebannt an dem Besanwant fest — dann ist plötzlich Ruhe. Das Schiff richtet sich auf, als wäre nichts geschehen. Totenstille.

Als erster steht Reumer vor mir, der Stoss hat ihn aus der Koje geschleudert. „Mensch, was ist los?“, ruft er mir zu. „Eine Fallbö von Steuerbord“, antworte ich. „Welches Ruder haben Sie gelegt?“, „Hart Steuerbord.“ „Nie in Wind drehen, immer vor den Wind,

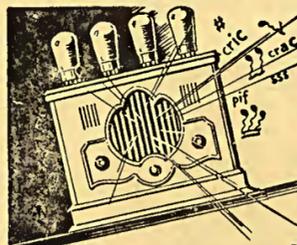
Schwer arbeitend sitzen am nächsten Morgen unsere beiden Einjährigen, Kohrt und Gehl, mit den zerfetzten Segeln auf dem Achterdeck. Alles, was dienstfrei hat, muss heran zum Segelnähen, bis alle Segel wieder heil oben sind.

Das Mollungswetter, das bisher so harmlos erschien, ist uns unheimlich geworden, und wir sind daher froh, als schon am 4. Februar steifer Nordostpassat einsetzt. Er lässt sich noch besser an als der Südostpassat. Prachtvolles Wetter, Scharen von fliegenden Fischen und kräftige Winde. Wir kommen gut vorwärts. Alle sind wieder Passatmenschen, lustig, guten Mutes und voll froher Hoffnung, nun bald in die Heimat zu kommen. Selbst das Essen mundet wieder, trotz Salzfleisch und Mehlklössen. Im Passat ist viel Freizeit, denn die Segel bleiben fast unverändert stehen. Unsere Kadetten wollen gern die Anfangsgründe der militärischen Ausbildung erlernen. Dazu ist jetzt gute Gelegenheit; jeden Tag machen wir fleissig Freübungen, üben das Vorbeigehen in gerader Haltung und Grüssen mit Anlegen der rechten Hand an die Kopfbedeckung und alles, was dazugehört. Auf einem Bein zu stehen ist nicht immer ganz einfach bei den Schlingerbewegungen des Schiffes, aber auch daran gewöhnt man sich. Leider fehlen uns Gewehre, sonst hätten wir wohl noch Geländedienst gemacht.

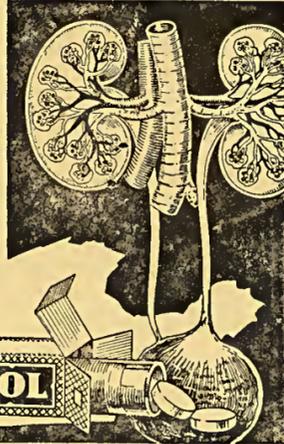
Den Tag über arbeitet Reumer eifrig mit der Wache an der Instandsetzung der Takelage. Das laufende und stehende Gut wird nachgesehen, und wo es notwendig, werden neue Pardunen und Stagen eingezogen. Denn bald sollen wir den Winterstürmen der Nordhalbkugel standhalten, da heisst es in Form sein.

Mehrfach treffen wir Dampfer, und wir müssen, je weiter es nach Norden geht, auch auf ein Zusammentreffen mit Hilfskreuzern und Kriegsschiffen gefasst sein. Als chilenischer Segler hier im Norden aufzutreten, scheint uns nicht gerade ratsam. Aus Lloyds Register suchen wir uns deshalb drei Schiffe verschiedener Nationalität heraus, in die wir uns, je nach der Lage, verwandeln wollen. Der Zimmermann baut grosse Rahmen für eine auf Segeltuch aufgemalte norwegische, dänische und schwedische Flagge, ferner grosse Schilder, auf die mit weisser Farbe Namen und Ursprungsland der Schiffe aufgemalt werden. Alle Schilder können auswechselbar aussenbords mit Scharnieren angebracht werden; man braucht also nur zu befehlen: „Norwegische Bark Eva“, und wenige Sekunden später ist an Backbord- und Steuerbordsseite gross zu lesen: „Eva“, „Norvege“. Dazwischen prangt eine norwegische Flagge und am Heck hängt ein Schild: „Eva, Langesund“.

Am 17. Februar schläft der Passat ein, und damit werden uns das schöne, heitere, wolkenlose Wetter und die blaue See nun wohl endgültig verlassen. Siebenundsiebzig Tage Fahrt liegen hinter uns und 7550 Seemeilen, der grössere Teil unserer Reise ist geschafft! — Wir kämpfen mit widrigen Winden, und der Westwind will nicht durchkommen. Nach zwei Tagen setzt er endlich ein. Zwar bringt er graue Regenwolken und bleifarbene See mit, aber er führt uns nach Norden, der Heimat entgegen; das ist die Hauptsache.

**Der**
Radioapparat
funktioniert
nicht mehr!

... denn seine Töne sind nicht mehr rein und klar. Auch Ihre Harnwege können nicht mehr gut funktionieren, wenn sie nicht rein gehalten werden. Machen Sie deshalb von Zeit zu Zeit eine innere Desinfektion mit HELMITOL-Tabletten. Ihr Arzt wird Ihnen die Richtigkeit dieses Rates bestätigen. Denken Sie daran, daß man Gesundheit und Kraft durch eine Desinfektion der Harnwege mit HELMITOL-Tabletten leicht wiedergewinnen kann.

**HELMITOL**

schweren Regenwolken hängen wie Riesenvorhänge bis tief herab auf die See, kein Lüftchen regt sich. Ringsum düstere, unheimliche und fast drohende Stille. Ich sehe hinauf nach den Segeln; sie sind alle gesetzt, aber nichts regt sich. Wir machen auch nicht die geringste Fahrt. — Plötzlich ist ein eigenartig klagender, sausender Ton hoch in der Luft zu hören, der im Moment anschwillt bis zum schrillen Heulen und Pfeifen. Es ist, als ob ein fauchendes, unsichtbares Tier die Takelage und die Segel anspringt. Dann fegt eine unheimliche Sturmbö über Deck, und das Schiff legt sich ganz auf die Seite durch den ungeheuren Druck in die Segeln, als wollte es kentern. Ich schreie dem Rudergänger zu „Hart steuerbord!“ und brülle nach vorn über das Deck „Alle Mann auf,

sonst schlagen die Segel back und alles kommt von oben.“ Inzwischen steht alles um mich herum und fragt aufgeregt auf mich ein. — „Schnell beide Wachen hinauf, nachsehen, was los ist, und Bramsegel und Toppsegel festmachen.“ — Fünf Segel hat uns die Fallbö in den paar Minuten in Fetzen gerissen, und wir müssen noch dankbar dafür sein. Hätten die Segel standgehalten, so wäre das Schiff vielleicht gekentert.

(Unwillkürlich wird man an den tragischen Untergang des Segelschiffs der Reichsmarine „Niobe“ am 26. Juli 1932 erinnert, der durch die gleiche Naturkatastrophe verursacht wurde. Nur die alte morsche Takelage und die zerschlossenen Segel, die unter dem Druck der Bö zerbarsten, bewahrten die „Tinto“ vor dem gleichen Schicksal.)

Jorge Dammann
Deutsche Damen- u. Herren-
schneiderei. Große Auswahl
in nat. u. ausländ. Stoffen.
R. Piritanga 193, Tel. 4-2320

José Süle
Erstklassige Schneiderei. —
Mäßige Preise. — Rua Dom
José de Barros 266, Jobr.,
São Paulo, Telefon 4-4725

João Knapp
Stemperei, Installation.
Regist. Rep. de Aguas und
Esg. — Rua Mont. Paffa-
laqua 6. Telefon 7-2211.

Hugo Lichtenthaler
Rua Aurora Nr. 135

Altestes deutsches Möbelhaus
Grosse Auswahl in kompl.
Zimmern u. Einzelmöbeln.
Auch TAUSCH und KAUF
von gebrauchten Möbelstücken

Deutsche Schuhmacherei
Rua Sta. Ephigenie 225
Ausführung aller ins Fach
schlagenden Arbeiten

Hermann Radelsberger
(früher Heinrich Lutz)

Dr. Gether's
Vanillin-Zucker

ist jetzt verstärkt, also noch weiter verbessert
worden! Sein feines, sehr ausgiebiges Aroma
verleiht Milch- und Mehlspeisen, Kuchen,
Torten und Kleingebäck, eingemachten Früch-
ten, Tee usw.

ausgezeichneten Wohlgeschmack.

Achten Sie bitte auf die Packung
mit dem „hellen Kopf“, dann
erhalten Sie **garantiert**



Gether-Qualität!

Erhältlich in allen besseren Lebensmittelgeschäften.
Generalvertreter für Brasilien:
WALTER HUSMANN - S. Paulo - Caixa postal 2599

Farben-Lacke-Pinsel

und alle übrigen Bedarfsartikel
für Hausanstrich und Dekoration

Emilio Müller, R. José Bonifacio 114

Stöfler Registrierung aller Ausländer —
Pässe — Identitätskarten — Aus-
und Rückreise-Visums — Überlegungen werden schnell
und billig bejort
Rua Formosa 433, sobr. (bei der Post)

WERKSTATT

WENDEN SIE SICH VERTRAUENSVOLL AN UNS, WENN IHRE
SCHREIBMASCHINE
gleich welcher Marke, schlecht funktioniert oder einer Reinigung bedarf.
Garantiert fachmännische, schnelle u. preiswerte Arbeit durch geschultes Personal

Olympia Machinas de Escrever Ltda.
São Paulo Rio de Janeiro
Praça da Sé 43 / Tel. 2-1895 Rua Benedictinos 21 / Tel. 43-6311

Familienpension
CURSCHMANN
Rua Florencio de Abreu
133, Sobr. (bei Bahnhof)
Telephon: 4-4094

Deutsche Automobile

Willi Hofang,
São Paulo

Caixa postal 3168 - Teleph.: 4-2451 ou 4-3825

Deutsche Färberei und chemische Waschanstalt

„Saxonia“

Annahmestellen: Rua Sen. Feijó 50. Tel. 2-2396
und Fabrik: Rua Barão de Jaguará 980. Tel. 7-4264

Physikalische Apparate, Vermessungsinstrumente
und Zubehör, feinmechanische Werkstätten

OTTO BENDER

Rua Sta. Ephigenia 80 - Telefon 4-4705
Zeichenmaterial A. Nestler, Lehr- und Gebr. Haff,
Pfronten. - An- und Verkauf von gebrauchten
Vermessungsinstrumenten.

CONDOR FLUGDIENST

PASSAGIERE
POST
FRACHT
Telegr. AERONAUTA

Succursal Telef.: 2-7919 S. PAULO: r. Alvares Penteado, 8
Agentur Telef.: 5001 SANTOS: r. 15 de Novembro, 19

Unser drittes Schwein wird geschlachtet, denn wir haben Stärkung nötig. Das Salzfleisch und der Speck wollen nicht mehr recht schmecken, und wir wollen gekräftigt in die nördlichen Gewässer eintreten. Wer weiss, was sie uns an Sturm und Kampf noch bringen werden. Einige Tage fettes Leben, Frischfleisch und Gemüse muss der Seemann zwischen durch haben, wenn er bei guter Laune bleiben soll.

Wir geniessen die ruhigen Tage in vollen Zügen. Die Arbeiten an Deck und in der Takelage schreiten munter fort, daneben wird gründlich militärischer Dienst getrieben und in der Freizeit sieht man die Kadetten eifrig in ihren Navigationslehrbüchern studieren. Wir alle haben uns prächtig herausgefutert. Aber auch das fette Leben hat seine Schattenseiten: Furunkel und Entzündungen stellen sich plötzlich ein. Unser Allheilmittel, feuchte Umschläge mit essigsaurer Tonerde will nicht recht helfen. Wir stülpen unsere Arzneikiste um; das Besteck legen wir erst mal beiseite, denn ans Schneiden traut sich keiner heran. Erst mal Aspirin, wenn das nicht hilft, wird für die Nacht eine Spritze Morphium verabreicht. Bei einem ganz hartnäckigen Fall schreitet schliesslich Richarz selbst nach langer Beratung mit sorgenvoller Stirn zur Operation, das heisst ohne Messer. Er sticht mit der Morphiumspritze hinein und zieht den Eiter heraus und siehe da, unsere Methode hat Erfolg; der Patient genest. Nur bei Zahnschmerzen versagt unsere Kunst — sie müssen eben ausgehalten werden. Der Patient wird auf die Selbsthilfe mit dem Bindfaden und der Tür hingewiesen.

Die Gewässer um die Azoren bereiten uns einen recht unfreundlichen Empfang. Der Barograph fällt stetig, schwere Dünung aus Westen kündigt schlechtes Wetter an. Der Wind wird ständig härter. Unter Sturmsegeln preschen wir nach Norden. Immer höher wird die See, immer gefährlicher und bedrohlicher die Brecher. Die Sturmfock muss gehoben werden, denn das Schiff kann sie nicht mehr tragen. Der Sturm wird zum Orkan, das Barometer zeigt einen Tiefstand, wie es ihn bisher nicht erreicht hat. „Tinto“ rollt und schlingert derart, dass es kein Mensch mehr in der Koje oder unter Deck aushält. In unserem Drang, vorwärtszukommen, haben wir den letzten Moment zum Beidrehen verpasst, und jetzt wäre ein solcher Versuch sicherer Untergang; wir müssen Kurs durchhalten. Es ist eine wahnwitzige Fahrt, dieses verzweifelte Lenzen vor dem Orkan. Zwei Mann müssen aus Ruder und festgebunden werden, sonst können sie sich nicht halten. Die Wucht der See nimmt immer mehr zu. Wie eine Nusschale wird unsere arme „Tinto“ von den Wasserbergen hin und her geworfen. Ein einziges falsches Rudern und wir würden von der nächsten See zerschlagen und zum Kentern gebracht. Plötzlich — ein scharter Knall, dann ein peitschender Schlag und ohrenbetäubendes Knattern und Prasseln. Unser Voruntermarssegel, das stärkste Segel an Bord, ist in Stücke gerissen und aus den Lieken geflogen. Die Ketten der Schooten schlagen wie toll gegen die Rahen, dass die Funken sprühen. Der Kadett Nüsse entert freiwillig auf und fängt die wütend peitschenden Kettenenden ein und bändelt sie bei. Eine hervorragend schneidige Tat. Nur vor einem kleinen Stag-

segel lenzt „Tinto“ jetzt in dem rasenden Orkan. Wir erwarten jeden Augenblick, dass eine See uns fasst, querschlägt und zermalmt. Nottüchtig bringen wir ein Segel im Besanwan auf und versuchen, ein Stagesegel vorn zu setzen. Zunächst vergeblich, denn die Segel halten dem Anprall des Windes nicht mehr stand und zerreißen heim Anheissen. Aber schliesslich gelingt es doch, das Vorstagsegel halbhoch zu bekommen. Angstvolle Blicke suchen immer wieder den Barographen; will er denn noch gar nicht steigen? — Eine schauerliche Nacht mit Hagel, Blitz und Donner. Erst gegen Morgen flaut der Orkan ganz unvermittelt ab, der Regen hört auf, fahl scheint die Sonne durch den Wasserdunst. Dann tritt völlige Windstille ein, aber um uns herum tobt eine gewaltige kreuz und quer laufende See. Es hat den Anschein, als ob alles Unheil vorbei sei und man wieder Segel setzen könne — aber das Fallen des Barographen warnt. Wir sind mitten

ben in der Luft. Der Besanmast schwankt und droht über Bord zu gehen. Reumer fasst sich am schnellsten — ein Griff nach den beiden Obermatrosen, Michaelen und Rosenhagen — Worte sind nicht zu verstehen —, dann sind zwei Taljen zur Hand. Ehe wir zur Besinnung kommen, ist von den Dreien der Besanmast mit zwei Taljen gesichert. Vor Topp und Takel, kein Segel gesetzt, lenzen wir vor dem wütenden Orkan in einem verzweiferten Kampf auf Leben und Tod. Die um die Rahen mit starken Enden festgehaschten Segel werden losgerissen und reissen in Fetzen. Kein Mann kann sich mehr in die Takelage wagen, geschweige denn dort halten. Trotz dauernden Pumpens macht das Schiff immer mehr Wasser. Unser Können ist zu Ende.

Stundenlang hält unsere „Tinto“ trotzdem dem Wogenprall und dem Orkan stand und, was keiner von uns mehr für möglich gehalten: wir kommen durch. Aber es läuft uns

lichen Winde aus. „Vorwärts!“ ist die Parole, vorwärts um jeden Preis. Kein Etmal unter 90 Seemeilen; unsere Rekordleistung ist 226 Seemeilen, an einem Tag, dem denkwürdigen 15. März.

Am 12. März sind wir hundert Tage in See. Unsere Lage wird kritisch, etwa einhundertzwanzig Tage nur reicht unser Proviant. Gerlach rechnet und kürzt schweren Herzens jeden Tag die Portionen. Ausgerechnet stets das, was gut schmeckt, wird auf der Speisekarte gestrichen. Unser ausgezeichnete chilenische Honig, der die einzige Oase in der immer eintöniger werdenden Verpflegung bildet und uns sicher vor Skorbut und ähnlichen Krankheiten bewahrt hat, ist zu Ende; darob tiefe Trauer, und das Frühstück will überhaupt nicht mehr durch die Kehle. Nach und nach verfallen alle die anderen Genüsse dem Zensor — Erdbeeren in Dosen, Pfirsiche, Pflaumen, Reis, Gemüse, Schinken, alles das entschwindet. Immer wieder muss der Gürtel ein Loch enger geschnallt werden. Wenn einer der Kameraden eine heimlich aufgesparte Zigarette raucht, dann läuft die ganze Besatzung zusammen, um wenigstens den Duft zu geniessen. Trotzdem bleiben alle guten Muts, — „durchhalten!“ ist die Parole. Unser Barograph malt ein Gebirge mit tiefen Schluchten und Tälern auf das Papier, aber wir lachen darüber. Unser Schiff macht viel Wasser, Tag und Nacht quietschen die Pumpen.

Doch es geht vorwärts: 10 000 Seemeilen liegen am 17. März hinter uns, eine phantastische Zahl für 105 Tage Fahrt.

Die englischen Gewässer kommen näher und näher. Der gefährvollste Teil unserer Reise beginnt. Wir halten so weit ab von England wie möglich. Noch haben wir guten Wind, ja, beinahe Sturm, aber der Barograph steigt unaufhörlich. Sollte ein Hochdruckgebiet mit flauen Winden nördlich Englands liegen? — Das ist eine erste Sorge für uns.

Am 20. März erreichen wir die Gegend von Rockall. Der stürmische Wind, der uns eben noch schwer zu schaffen gemacht hat, schläft ganz plötzlich ein. Hoffnungslose Flaute! Und das ausgerechnet an dem Kreuzpunkt der ganzen Amerikaschiffahrt nördlich von England. — Ein Dampfer kommt in Sicht, er hält sogar direkt auf uns zu. Anscheinend hat er uns gesichtet, und nun steht die hochnotpeinliche Untersuchung bevor. Wir tarnen uns, wie wir es so oft geübt. Aber seltsam — er dreht ab und schlägt einen Bogen um uns. Am Heck erkennen wir zwei Geschütze. Ein bewaffneter Frachtdampfer. Wolf steht mit dem Hörer an Deck. Der Dampfer wird uns sicher melden, aber, siehe da, er schweigt. Ein neuer Dampfer taucht auf, das gleiche Spiel. Sie scheinen noch mehr Angst vor uns, als wir vor ihnen zu haben.

(Schluss folgt.)

PEBECO
die Zahnpasta
höchster Leistung
sie verhütet
Zahnfäule
sie bekämpft
Pyorrhoe

382

in einem Minimum, das Schlimmste — die Rückseite — steht uns noch bevor. Reumer löst den schwerkranken Richarz ab, der trotz seines Fiebers die ganze Nacht hindurch das Schiff geführt hat. Der alte Seemann erkennt die drohende Gefahr; er lässt alle Segel festmachen, die oberen Rahen untereinander festflaschen und überall Stütztafeln anbringen. Kaum sind seine Befehle ausgeführt, da zieht von schräg achtern eine fahle, gelbe, undurchdringliche Wand heran. Ehe wir noch recht zur Ueberlegung kommen, ist sie über uns, und nun bricht ein Orkan los, dass uns der Atem stehenbleibt. Hagel, Gischt und grüne See stürzen über das Schiff, die Hände finden keinen Halt mehr, man wird zu Boden gerissen. Mit Entsetzen sehen wir, wie der Wind unser Segel im Besanwan fasst, ein Krach, und das ganze Besanwan nebst den Fetzen des Segels schwe-

eiskalt den Rücken hinunter, wenn wir an diese Stunden zurückdenken.

An Deck ist alles kurz und klein geschlagen. Die Kadetten arbeiten wie Löwen. Sie kennen tagelang keine Ruhe, kein Wind und kein Seeegang vermag sie zu schrecken. Ohne diese glänzenden Seeleute wäre die „Tinto“ längst ein elendes Wrack. Jede ruhige Minute wird benutzt, um nach und nach ein Reservesegel als Voruntermarssegel aufzubringen und unterzuschlagen. Das Steuerbordwannt des Besan wird neu eingezogen. Ununterbrochen ist die Wache an den Pumpen, um das Wasser aus dem Schiff zu bringen.

Die Stürme lassen uns kaum mehr zu Atem kommen. Wir sind anscheinend in einer Zugstrasse der Minima, ein Tief folgt dem anderen. Eine Woche hindurch reiten wir eine Serie von Stürmen ab. Wir drehen bei, wenn es zu hart kommt, aber nutzen die achter-

„Sublime“

die beste Tafelbutter

Theodor Bergander

Al. Barão Limeira 117, Telefon 4-0620

Liebesgabenfendung der deutschen Kolonie in São Paulo



In der vorhergehenden Folge unserer Wochenzeitung berichteten wir bereits über das ausserordentlich erfreuliche Ergebnis, welches die Frauen der deutschen Kolonie im Rahmen des „Liebeswerk für Ostdeutschland“ zu verzeichnen hatten. Die Arbeit für dieses grosszügige soziale Hilfswerk wurde am 6. Oktober aufgenommen. An jedem Montag und Donnerstag versammelten sich in einem Raum der Gesellschaft Germania die fleissigen Helferinnen. Dort war auch die Materialausgabe für die verschiedenen Heimarbeiten. Insgesamt beteiligten sich 300 Frauen pflichteifrig, die noch von verwandten Organisationen unterstützt wurden. Wir kommen heute mit obenstehendem Bildbericht auf die Ausstellung zurück, die nach Abschluss der rund vierwöchigen Arbeit am 3. und 4. No-

vember veranstaltet wurde und der gesamten deutschen Kolonie zugänglich war. Man erkennt an Hand der einzelnen Aufnahmen, welche ansehnlichen Mengen von Wäsche, Strick- und Näharbeiten in dieser verhältnismässig kurzen Zeit zusammengetragen wurden. Einige Zahlen sollen das nähere Verständnis vermitteln. Im ganzen wurden 90 Kilogramm Wolle für Strickwaren, 400 Meter Flanell und etwa 350 Meter an Wollstoffen verarbeitet. Von den vielfältigen Kleidungsstücken und Wäscheartikeln seien hier nur einige wenige Mengenbegriffe erwähnt: 497 Paar Wollstrümpfe, 54 Wollkleider für Frauen, 62 Kinderpullover, 69 Paar Handschuhe, 48 Wollhemden für Männer, 36 Paar Babyschuhen, 51 Stück Babyjäckchen, 18 Frauenmäntel, 22

Kindermäntel, 48 Kinderröcke, 90 Jungenhosen, 158 Stück Schals. Mit dieser Aufzählung könnte man noch lange fortfahren, wir begnügen uns aber mit diesem Hinweis, der auf das Gesamtergebnis einwandfrei schliessen lässt und anerkennen mit allen Volksgenossen, welche die Bedeutung dieser wahren Sozialarbeit zu würdigen wissen, die Leistung der deutschen Frauen in São Paulo. Die Kisten mit den Liebesgaben sind bereits mit Hilfe des hiesigen Roten Kreuzes über Santos verfrachtet worden und dürften voraussichtlich an ihrem Bestimmungsort noch so rechtzeitig eintreffen, dass sie vielen deutschen Familien in den Ostprovinzen zu einer Weihnachtsfreude verhelfen und gleichzeitig einen Beweis der Verbundenheit zwischen Auslandsdeutschen und Reichsdeutschen darstellen.

Der Westfale wird auf Reisen geschickt / Walter Bollmer

Eine Legende mit tieferem Sinn

Der Westfale sei aus Lem entstanden, versichert uns eine wenig liebenswürdige Legende, denn der Herr selber habe ihn am Strassenrand mit einem Fusstoss ins Leben gerufen. „Watt stöbt bei mi? (Was stösst er mich?)“ habe dieser wilde Klumpen gebrüllt und sich mit diesem Ausspruch ein für allemal als brummiges, eigenbrötlerisches Dickfell, eben als Westfale gekennzeichnet. Schon wollte der Herr ihn zurückverwandeln, als Petrus, der in manchen Dingen weltklüger gewesen zu sein scheint, meinte: „Lass ihn! Wer weiss, was daraus werden kann! Reisen bildet — schicke ihn fort! Meinewegen nach Ostpreussen oder nach Schlesien! Mancher nimmt Lehre an, von dem man es nie gedacht hätte!“ Und so geschah es.

Ueber Jahresfrist trafen sie auf einsamen

Wegen zwischen Insterburg und Gumbinnen das Sorgenkind aus westfälischer Erde wieder und staunten nicht wenig, wie es sich zu seinem Vorteil den Wind am Kurischen Haff hatte um die Nase wehen lassen. Es hatte Formen angenommen, viel zwar nicht, aber vom Preussengeist war am meisten in ihm geblieben: auch Fleiss und Freundlichkeit hatten zugenommen.

„Jetzt sollte er Bayern kennen lernen! Dort sollen die liebenswürdigsten Menschen Deutschlands wohnen,“ schlug Petrus vor. Aber diesmal trat ihnen das Sorgenkind schon zwei Tage später in die Hacken und brummete missgestimmt. Sie wunderten sich. Nun, Raufen und Saufen verstünde er von sich aus! Und die Berge und das himmelschreiende Jodeln wären ihm in der Seele zuwider. Da war die Reihe an Petrus, sich zu schä-

men: Natürlich! Das hätte man sich denken können. Nein, Bayern wäre wohl nicht das Rechte!

„Wie wäre es aber mit Sachsen?“ schlug er vor. Doch der Herr sah ihn gross an, so dass er schleunigst weitersuchte und Schlesien nannte.

„Das Schlesierland? Die Berge dort bei Rübzahl? Und die grossen Niederungen mit den prächtigen Zuckerrüben? Hm, bei den Schlesiern lernt er nicht nur Brot essen — mag er also dahingehen!“

Diesmal tat die zauberische Verwandlung geradezu Wunder: ein sanfterer Geist war in das Sorgenkind gezogen, als sie ihm über Jahresfrist auf dem windumwehten Kamm des Riesengebirges wieder begegneten. Er erkannte sie nicht sogleich und zog sogar die Mütze: die Wanderer hätten sich vielleicht verirrt? und wies den Weg zu den Städten, die im Silberlicht eines schönen Morgens in der Ferne schimmerten.

„Er hat an Gemüt gewonnen!“ stellte Petrus fest. „Phantasie hat er früher nie besessen: sich an, wie sie ihm nun aus den

Augen geleuchtet! Man muss sich doch sehr verwundern, wie Umgang abfährt!“

„Es ist nicht allein der Umgang,“ erklärte ihm der Herr, „er hat von ihrem Brote gegessen, das auf ihrer Erde wuchs. Ihren kargen Wein hat er getrunken und Mühe mit ihnen gehabt und tägliche Last und Arbeit. Und aus ihrer Seele ist in Worten und noch mehr in Werken viel in ihm eingezo-

gen, ohne dass er es merkte. Wollen wir ihn nach Schwaben...?“

„Ja, Schwaben soll er sehen!“ Hier aber hatte der Westfale eine nicht geringe Belastungsprobe zu bestehen: die Schwaben waren damals schon wunderlich-absonderliche Leute, denn jeder dritte, den sie erzeugten, war ein Dichter. Und ein Dichter zu sein, ist insofern kurios, als die wenigen, die es sind der mancherlei Mühseligkeiten halber bisweilen lieber Fuhrleute oder Wirte wären, umgekehrt aber die vielen, die es nicht sind und nur die Einbildung davon haben, den Lärm und das Gepolter erheben.

Es trieb ihn weiter, aber das schöne Rheinland besah er sich nur über den Zaun, wie man sie vor Zeiten noch im Vaterlande hatte. Ihm war es ein wenig zu laut und zu sonnig dort, aber er war schon längst nicht mehr so dickfellig wie sonst, um es gleich in alle Welt hinauszuschreiben und andern damit wehe zu tun. Lieben doch alle ihr Vaterland und ihre Heimat ganz besonders!

Lange Jahre führten ihn nun auf die Wanderschaft, hin und her in alle deutschen Gaue, und obwohl er sich wie sich das von selbst versteht, im Grunde seines Herzens als echter Westfale treu blieb, lernte er doch viel an Höflichkeit und Wissen und gewann Einsichten und Erfahrungen, so dass er an Gediegenheit der Herzensbildung viele übertraf. Vor allem erwachte auch die schöne Wanderlust in ihm; nur mit dem Gesang will es ihm auf den heutigen Tag nicht recht vorwärtsgehen.

Kurz: alles Gute, was das Vaterland zu geben hat, nahm er an und als der Herr und Petrus ihn von ungefähr im Emsergau trafen, mitten im Ruhland, waren sie erstaunt, wie sich der ungefüge Lehmkumpen zu einem Prachtmenschen entwickelt hatte. Tapferkeit und Treue strahlten ihm nur so aus den Augen.

„Donnerkeil!“ entfuhr es dem Apostel, aber der Herr verwies ihm den Fluch und meinte: „Ich ahnte es gleich. Er ist eben ein Westfale!“

„Wenn er nun noch von seinen Landsleuten in Niederdeutschland und am Meer Lehre annähme, wüsste ich keinen vollkommeneren Deutschen!“ schlug Petrus vor, und da den Westfalen Wissensdurst, Fernweh und Abenteuerlust plagten, bat er artig dort noch eine Zeitlang verweilen zu dürfen. Dann aber sah man ihn lange lange Zeit nicht mehr: die Weite des Landes am Meere, die unendlichen Wälder, der Himmel und die Fernen ohne Grenzen und die stillen Menschen des Landes liessen ihn nicht los.

Er ist erst spät nach Westfalen zurückgekehrt und hat ein Weib aus dem Volk am Meer mitgebracht. Ihre Nachkommen sitzen heute noch im Lande (wenn auch viele der ungeheure Tatendrang in alle Welt geführt hat) und sie sind es, die das Land an der Ruhr erbauten, die den Handel weit über die Grenzen führten, die Bücher schrieben und über Gott und die Welt nachsannen, die Künstler waren und Kämpfer zugleich, die alle guten Eigenschaften aller deutschen Stämme in sich vereinten, vorab die des niederdeutschen Nachbarlandes, mit dem sie die Bande des Blutes verbinden für alle Zeit.

So wurde aus dem einseitigen, groben Lehmklotz, der selbst den Krakusen östlich der Weichsel kein Vorbild hätte sein können, mit seinem „Watt stöbt bei mi?“ der heutige Westfale. Immerhin soll es auch in unseren Tagen nicht ratsam sein, ihn trotz seiner Vorzüge grob anzurempeln: wenn er zornig wird, sieht man, dass ihm von Urzeiten her Haare auf den Zähnen geblieben sind!

Nachflänge zum Städtewettkampf Rio de Janeiro—S. Paulo



Fink (Rio) der Sieger im Weitsprung bei einem seiner guten Sprünge. (Beachtenswert ist die Technik seines Sprunges und dürfte dieser noch junge Sportsmann bei fleissigem Ueben bald die 7-Meter-Grenze erreichen)



Vana als Schlussmann der siegreichen São Paulo-Staffel in 4x75 Meter

Aufnahmen: Fritz Christian

Wie Funke Engels einunddreißig Polen fing

Am Bahnhof Kotun geschah es... — Einer nach dem anderen hob die Hände hoch

September 1939. — Funke Engels ist das, was man im bürgerlichen Leben einen ausgewachsenen Kerl nennt. Und er ist dabei entsprechend breit und ausserdem alter Freikorpsmann. Das muss wohl vorausgeschickt werden, um den Mann zu kennzeichnen, der eigentlich auszog, um mit seiner Leica dienstlich zu knipsen und dabei mit 31 (in Buchstaben einunddreißig) Polen heimkehrte. Und wäre einer von ihnen nicht so tapfer gewesen, wie es unser Engels ist, dann wären es sogar 32 geworden. Aber der eine war ein ganzer Kerl und musste darum leider sterben. Aber es sei alles der Reihe nach erzählt.

Plötzlich tauchten drei Polen auf

Es war in den Tagen, da unsere Front in Richtung Warschau noch kurz vor Siedlce lag. Genau gesagt, damit es die Kameraden von der Infanterie bestätigen können, es war am 14. September, an diesem Tag also lagen wir mit drei Mann in Siedlce, um einen Auftrag der Kompanie zu erfüllen. Wie dieser Auftrag aussah, gehört hier aus verschiedenen Gründen nicht her. In Erfüllung unseres Auftrages also rollten wir durch den polnischen Staub — den näher zu beschreiben, erübrigt sich ja wohl für die ostpreussische Armee — und waren froh, dass der PKW, uns wenigstens den dicksten Dreck vom Leibe hielt. Wir fuhren nicht zu schnell — dieweil vor uns der Feind gemeldet war — in Richtung Warschau. Wie wir da so an die Strassenkreuzung in Broskow kommen und vor uns weder Freund noch Feind erkennen, verdrücken wir uns von der grossen Strasse, wo wir doch nur fahrende Schiessscheiben bilden, um uns einmal die langen Transportzüge der Polen anzusehen, die kilometerweit auf der Strasse stehen.

Wir hatten da nämlich irgendwo einen Zug mit der Rot-Kreuz-Flagge entdeckt, der uns — wiederum auftragsgemäss — sehr interessierte. Und wie wir da so fast am Bahnhof Kotun sind, da tauchen da plötzlich drei polnische Soldaten auf, die zwar die Hände hochhoben, aber dabei vergassen, ihre Waffen fortzuwerfen. Wir richteten also unsere Pistolen auf sie, und unsere polnischen Freunde wurden dann auch zahm und legten ihre Gewehre fort. Da nicht klar ersichtlich war, ob sie ihre Waffen nur aus Vergesslichkeit nicht fortgelegt hatten, oder ob sie glaubten, den Krieg fortsetzen zu können, wurden sie als Ueberläufer betrachtet und kameradschaftlich ausgefragt.

Das wäre also erst einmal der erste Akt. Der zweite folgt jetzt und war weniger humorvoll.

Jetzt kommt Leben in die Gegend

Die drei polnischen Krieger wussten also zu erzählen, dass drüben am Bahnhof noch mehr polnische Soldaten lägen. Für unseren Engels, der, wie bereits gesagt, baumlang ist und alter Freikorpsmann, erschien das irgendwie seltsam, und er beschloss der Sache auf den Grund zu gehen. Denn wir hatten einen Auftrag, und bewaffnete polnische Soldaten in der Nähe sind ja nicht immer die Lichtseiten dieses Feldzuges. Engels also los. Zuerst auf der Strasse, dann durch Gestrüpp, dann durch einen kleinen Wassergraben und dann den Bahnhof hinauf und drüber weg, und da steht drüben auch schon ein polnischer Infanterist. Und wie der nun schießt, da schießt auch Engels schon, und weil sie beide halb im Springen feuern — und Engels nur eine Pistole hatte —, schießen beide in die polnische Landschaft hinein. Doch da schießt Engels zum zweiten Male, und der polnische Soldat bricht zusammen und ist tot. Nun kommt plötzlich Leben in die Gegend, hier steht einer auf und dort, und jeden Polen bedroht Engels mit der Pistole und jeden brüllt er an — und Engels kann furchtbar brüllen — und so ganz, ganz langsam wirft einer nach dem anderen seinen Schiesssprügel hin und hebt die Hände hoch. Wie der gute Engels sich die Geschichte besieht, da sind es deren 28, die mit erhobenen Händen vor ihm stehen. Worauf er wieder brüllt und mit den Händen redet und die Polen langsam begreifen, sich umdrehen und einige Schritte vorgehen. So nimmt Engels Gewehr um Gewehr, nimmt Schloss und Patronen heraus, trägt die Schösser auf einen Haufen und die Gewehre auf einen zweiten und befiehlt dann wieder kehrt. Einer von den Polen trägt die Schösser, und die anderen tragen die Gewehre, und der Kampf ist für 28 polnische Soldaten aus.

Sogar ein Bild brachte er mit

Als wir anderen beiden die Schüsse bellend hörten, glaubten wir unseren Engels abgeschossen. Liefen darum nach vorn, um ihm helfen zu können und sahen, was wir nie gesehen hatten und wohl sobald nicht wieder sehen werden. Denn über den Bahndamm geklettert kam unser Engels mit seinen Polen, die fein säuberlich formiert abmarschierten.

So fing der Funke Engels erst drei und dann achtundzwanzig Polen, und damit wäre eigentlich die Geschichte aus. Vielleicht ist noch erwähnenswert, um unseres Engels gleiches Herz zu kennzeichnen, dass wir nach wenigen Hundert Metern feststellten, dass zwei von den Polen verwundet waren und einer fusskrank. Worauf Engels mit ei-

nem Schuss in die Luft einen Bauern vom Felde herbeizauberte, der in Windeseile einen Wagen organisieren musste, damit die Verwundeten und Kranken nicht zu leiden brauchten. Vielleicht ist ausserdem noch erwähnenswert, dass unser Engels eigentlich gar kein echter Funke, sondern Bildberichter ist, der sich mit einem Wortberichter und einem Fahrer befehlsmässig bei Siedlce aufhielt, um von den Kämpfen in der vordersten Linie zu berichten. Aus diesen Berichten wurde nun leider nicht viel. Als guter Bildberichter brachte er der Kompanie allerdings ein schönes Bild von den gefangenen Polen, aufgenommen in dem Augenblick, da

die Polen gerade die Hände heben und den Rücken unserem Engels zugewandt hatten.

„Gegen Quittung“ abgeliefert

Aber damit ist die Geschichte noch nicht endgültig aus, denn kaum hatte Engels seine Gefangenen „gegen Quittung“ abgeliefert, da zog es ihn wieder nach vorn. Diesmal erregten ihn wildes Feuer und die Meldung, dass vorn eine Pak in Bedrängnis wäre. Wieder griff Funke Engels wacker ein, und nun erwischte es ihn doch. Ein polnisches MG. fasste ihn und die Kameraden von der Pak, aber es ging glücklicherweise glimpflich ab. Durch einen Streifschuss wurde Engels an der linken Kopfsseite leicht verwundet, und nun ist es wieder bezeichnend für ihn, dass er nicht ins Lazarett gegangen, sondern — nachdem ein Verband angelegt worden war — bei seiner Kompanie geblieben ist.

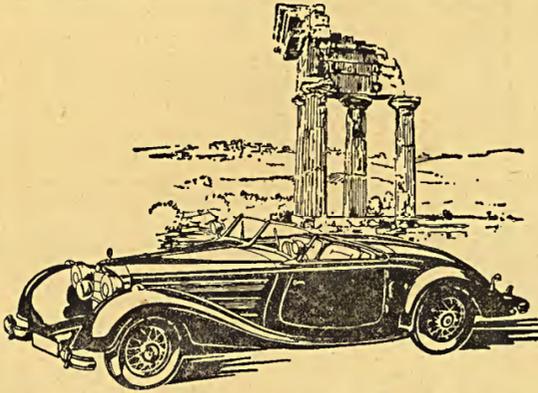
H. O.

Frontfahrt bei der Ostpreußen-Armee

Das Gesicht des Krieges — Regimenter rufen nach Munition
Polenarmee gefangen wie die Maus in der Falle

Ostfront, 1939.
Seit Stunden schon fährt unser Wagen über Polens Strassen. Seit Stunden dröhnt und rasselt und brummt neben uns der gewaltige

zerschmolzen, dass es nicht einmal mehr gelang, die Türen zu öffnen, um die Toten herauszunehmen. Ein Wald brennt und strahlt seine Hitze über die marschierenden Trup-



Mercedes-Benz
Personenwagen
Nutzfahrzeuge

Sociedade Auto-Distribuidora Ltda.
São Paulo, Av. Brig. Luiz Antonio 133 / Rio de Janeiro / Santos

Heereszug, der sich in endlosen Kolonnen nach Süden bewegt, um den eisernen Ring um Polens Hauptstadt völlig zu schliessen. Denn sind wir in Wyszokow oder besser dort, wo einmal Wyszokow stand. Denn Wyszokow ist nicht mehr, nachdem das kleine Städtchen in hartem Kampf von deutschen Truppen gestürmt wurde und während eines blutigen Strassenkampfes mit Franktireurs brennend in Schutt und Asche unterging. Noch liegt über dem Gewir über ausgebrannten Häusern, über den ragenden Kaminen der bejessende Dunst. Schwelende Glut frisst sich in Nase und Augen und macht das Atmen schwer.

Der Heerzug dröhnt und rasselt und brummt durch Wyszokow. Die Brücke über den Bug ist von den Polen gesprengt. Jetzt zieht das endlose Heer in mühsamer quälender Arbeit sich quer über das Feld, durch tiefen Sand, durch Wassergräben, über Aecker und Felder, um weiter unten über die eine Portonbrücke zu gehen. Wir versuchen, irgendwo in unserem Wagen zu schlafen. Vom Bug her dröhnt während der ganzen Nacht der Lärm vorgehender Kolonnen. Berittene Munitionskolonnen sind dabei. Harte ostpreussische Bauerngesichter leuchten für Sekunden auf, wenn der schmale Schein einer Lampe einmal auf das Gesicht eines der Führer fällt. Blutjunge Soldaten rufen sich aufmunternde Worte zu, während die Wagen sich durch den Sand quälen. So geht das die ganze lange Nacht, denn vorn liegen die Regimenter und die Regimenter rufen nach Munition, nach Essen, nach Kraftstoff nach Post. Im Morgengrauen braust eine Sanitätskolonne einen Abhang hinauf. Die ostpreussische Armee marschiert nach Süden.

Der Ring um Warschau schliesst sich fester. Kurz vor Siedlce, in Richtung Warschau, liegt die deutsche Front. Wir fahren nach Siedlce hinüber, fahren durch ein Land, über das das ganze Grauen des modernen Krieges gegangen ist. Irgendwo am Waldesrand eine zerschossene polnische Batterie. Die Soldaten hat man begraben, die Pferde aber liegen zu zehn und zwanzig noch so, wie sie das MG.-Feuer niederwarf. Ein Bild des Jammers, diese verschlungenen, zerrissenen Pferdeleiber, die offenen Mäuler, die verglasten Augen, die zerbrochenen Beine. Im Strassengraben bettete man einen toten polnischen Soldaten. Deutsche Soldaten haben ihn mit seinem Mantel zugedeckt; begraben konnten sie ihn nicht mehr, so schnell marschieren sie vor.

Weit drüben ragen wieder die Kamine eines verbrannten Dorfes anklagend zum Himmel. Eine polnische Feldküche liegt zertrümmert auf einer Wiese. Zwei Omnibusse mit ausgebrannten Motoren sind auf die Seite geräumt, die Fenster sind zerbrochen, die Sitze herausgerissen. Ausrüstungsgegenstände liegen überall herum. Nahe der Strasse sperrt ein polnischer Panzerzug einen Bahnhof. Er ist von einer Fliegerbombe ausser Gefecht gesetzt. Einige Wagen stehen offen, einige sind ausgebrannt, so in der irrsinnigen Glut

Staubkruste Gesichtszüge und Abzeichen erkennen kann. Weissgrau, so wie der polnische Sand, ist die ganze Kolonne. Die Augen fast verklebt, die Ohren verschmutzt die Uniform staubbedeckt, so treffen sie ein. Abteilung auf Abteilung, Regiment auf Regiment.

Wenige Kilometer vor der Stadt, dort, wo die vorderste deutsche Linie liegt, quert eine Bahnlinie die Strasse. Soweit das Auge reicht, soweit steht hier Zug hinter Zug. Ein Luxuszug der polnischen Regierung ist dabei, wundervoll eingerichtet, mit Salonwagen Schlafwagen, Küchen und Anrichten. Er dient während der Nacht den deutschen Truppen als herrliches Quartier. Ein Hotelquartier hinter der ersten Linie. Ein Sanitätszug ist auch dazwischen, vollgeladen mit polnischen Verwundeten, die von deutschen Aerzten betreut werden. Lange Transportzüge stehen auf der Bahn. Soweit das Auge reicht, Zug hinter Zug. Deutsche Fliegerbomben zerstörten die Gleisanlagen. Die Flucht der Regierungsbeamten, der Rückzug der Divisionen endete vor Siedlce unter den Bomben deutscher Flieger. Nur einige verwegene Regimenter kamen noch aus der schliessenden Zange heraus. Die anderen alle mussten zu Fuss nach Warschau zurück, eingekesselt, gefangen wie die Maus in der Falle. Als wir langsam in unser Quartier zurückfahren, uns in dem Städtchen das langsam wieder beginnende Leben der Bürger, der Polen und der dreckigsten Juden der Welt beobachten, marschieren gerade wieder verstaubt, verdeckt aber singend vom ersten bis zum letzten Mann, ein neues deutsches Regiment in die Stadt ein.

Das sind Adolf Hitlers ostpreussische Soldaten, sie marschieren schnell und schlagen hart. Sie zerschlagen Polens Nordarmee in kurzen schweren Schlägen und stehen nun kurz vor dem letzten Ziel...

H. O.

Der Führer an der Feldküche

Seit Kriege geführt werden, hat sich noch kein Staatsoberhaupt und Oberster Befehlshaber mit so selbstverständlicher Einfachheit den gleichen Lebensbedingungen seiner Soldaten unterworfen, wie der Führer an der Ostfront. In stärkerer Eindringlichkeit als alle Abhandlungen, schildert das der Feldpostbrief eines Kriegers. Wir lesen da: Plötzlich heisst es: Der Führer fliegt um halb vier Uhr wieder von der ganz in der Nähe befindlichen Landestelle ab. Nun schnell feldgrau angezogen, umgeschmalt, und auf den schon fahrbereiten Lastwagen geschwungen. In eiliger Fahrt nähern wir uns einem grösseren, zwischen Waldungen gelegenen Wiesenplan, auf dem sechs Verkehrsmaschinen und vier Jagdmaschinen stehen, ausserdem eine kleine Kolonne mit einer Feldküche. Wir lagern uns wegen des strömenden Regens unter den Flügeln der graugrün gestrichenen Riesenvögel. Nach knapp einer Viertelstunde vorn am Platz Heilrufe und schon nähern sich mehrere Personenwagen der zwischen den Flugzeugen stehenden Kolonne. Im Dauerlauf sausen wir, etwa 120 Mann, um den Wagen des Füh-

Casa Alemã FUNDADA EM 1935

Regen-Mäntel

Gummi-Mäntel
98.- 130.- 165.-

Reinwollene Gabardine-Mäntel
250.- 280.- 380.-

Extraleichte Trikoline-Mäntel
280.- 330.-

Unsere Mäntel sind besonders lang und vollkommen geschnitten

SCHÄDLICH, OBERT & CO. RUA DIREITA 162-190



Ärzte-Tafel von Rio de Janeiro



Bund der schaffenden Reichsdeutschen

União Beneficente e Educativa Alemã
Rio de Janeiro

Unter dem Protektorat des Deutschen Botschafters

veranstalten wir
am Sonnabend, dem 2. Dezember 1939, im Deutschen Heim

für das Hilfswerk der Deutschen Kolonie einen

March- und Walzer-Abend

Es spielt das Orchester des Bundes (30 Musiker)

Der „Syras-Chor“ hat gleichfalls seine Mitwirkung zugesagt



DIE NÄHMASCHINE FÜR JEDEN HAUSHALT

Agenten an allen Plätzen

THEODOR WILLE & CIA. LTDA.
AVENIDA RIO BRANCO 79/81 RIO DE JANEIRO

Unsere
Bertretung
in
Rio de Janeiro
befindet sich

Rua dos Andradas 84
2. Stock, App. 23
Telefon 23-4977
Franz Kuntlin

Deutsches Heim, Rio de Janeiro

Rua 7 de Setembro 140 - 1. Stock
Tel. 42-3601

Mittag- und Abendtisch auch nach der Karte
Stets frischer Schoppen - Reichhaltige Getränke

Rio-Besucher

DANUBIO AZUL
Avenida Mem de Sá 34

Telefon 22-1354
Prima Küche
Täglich Konzert
Im ersten Stock Tanz

Übersetzungen

Dr. Bruno Zander

Berechtigter Übersetzer
Rua 13 de Maio 37, 1. St.
Tel. 42-4668 - Rio.

Säuglings- und Kinderarzt Dr. **Lages Netto**
Sprechstunde: **Travessa Duvidor 36**
4. St. - Tel. 43-4138
Täglich v. 2-4,30 Uhr
Privat-Dozent Wohnung: **Deutsches Krankenhaus**
früherer Assistent der Universitäts-Kinderklinik der Charité, Berlin Telefon 28-7060

Haut- und Geschlechtskrankheiten
Dr. Paul Cardozo-Legène
in Deutschland ausgebildeter und approbierter Arzt
Rua Alcindo Guanabara 15, 4. Stock
Telephon 22-0912
Sprechstunden: 9-12 und 3-6
Samstag: 9-11 und 12-3 Uhr

Dr. Archimedes Peçanha
Adjunto do serviço do Dr. Paulo Brandão
no H. S. F. de Assis
Ohren-, Nasen- und Halsleiden
Consultorio:
Rua Quitanda 5 - Tel. 22-5550

Deutsches Haus
Sommer- und Feiertags:
Spezialplatte
Ökonom: A. Fröje
Schönster Aufenthalt
Praia Farahy 251
Niteröy

Dr. W. Huber
Spezialarzt - Chirurgie und Frauenleiden.
Sprechstunden täglich von 3-6 Uhr.
Alvaro Moim Nr. 24/8, Cinelândia
Telephon 22-2657.

Dr. Fridel-Schöppe
Säuglings- und Kinderarzt. Moderne Behandlung der Ernährungsstörungen (Brechdurchfall, Blutarmut, Tuberkulose und Hautkrankheiten, Ultraviolet-Strahlen).
Consultorio: **Rua Miguel Couto Nr. 5**
von 2-5 Uhr. Tel. 22-0713. - Wohnung: Tel. 22-9930

Preiswert **Kölnisch Wasser** Erfrischend
das beliebte Qualitätsprodukt der
Deutschen Apotheke - Rio de Janeiro
Rua da Alfandega 74 - Tel. 23-4771

Reparaturen sämtlicher Uhren garantiert
Josef Herold
Uhrmacher
Rua da Alfandega, 130

gers. Man kann sich denken, wie wir gebrüllt haben, als der Führer mit seiner Begleitung dem Wagen entstieg.

Der Führer, ganz einfach, in einem ohne jede Tresse versehenen Regenmantel, darunter einen grauen Rock und die mit gelber Seide verzierte und braun gebänderte Mütze. Wir stellen uns ganz dicht um ihn und seine Begleitung herum. An der Feldküche ist durch Zeltbahn ein kleines Dach hergestellt, und nun tritt der Führer an den einfachen Tisch, lässt sich vom Koch einen Teller Nudelsuppe reichen und eine Schmitte trockenes Kommissbrot, und isst ruhig, ohne mit seiner Begleitung ein Wort zu wechseln. Er bricht sich Stück für Stück von dem Brot ab und lässt sich noch einen zweiten Teller reichen, während er die Bemerkung macht, dass es ihm gut schmeckt.

Dann fragt er, ob sein Flugzeugführer schon gegessen hat; währenddessen, ungefähr eine Viertelstunde lang, stehen wir ruhig um ihn herum. Er blickt oft zu uns herüber. Nun wechselt er noch einige Worte mit seiner Begleitung und begibt sich dann über das Feld zu seinem Flugzeug. Wir dicht an seiner

PETER JURISCH
RECHTSANWALT
RIO DE JANEIRO - CAIXA POSTAL 136
EDIFICIO ODEON, SALA 1208

Seite in einer Reihe keiner wagt ihm den Vortritt zu nehmen, erst kurz vor dem Flugzeug bilden wir ein Spalier, und unter Heilrufen besteigt der Führer das Flugzeug. Und durchs Fenster winkt er uns nochmals freundlich zu, und schnell müssen wir uns aus dem Wege machen, denn schon braust eines der Flugzeuge dicht über unsere Köpfe, und das Führerflugzeug rollt über das Feld, um dann, nochmals zurückkehrend, dicht über uns hinwegzueilen, um andere Kameraden zu besuchen. Ein einzigartiges Erlebnis hat sein Ende gefunden."

Deutsche Fliegerunteroffiziere!

Fünf Tage vermisst, gesund zur Truppe zurück

Bei den Truppen, September 1939.

Auf dem riesigen Rollfeld stehen die stählernen Raubvögel, die schnellsten Jagdflugzeuge der Welt, zum neuen Einsatz, zum Feindflug von Ostpreussen nach Süden, bis nach Warschau und Lublin, bereit.

Zwei von den deutschen Fliegern dieser Gruppe werden seit fünf Tagen vermisst. Die Kameraden auf dem ostpreussischen Fliegerhorst haben längst jede Hoffnung, die Verlorengegangenen lebend wiederzusehen, aufgegeben. Man weiss, wie sich polnische Soldaten und ebenso die polnische Bevölkerung an notgelandeten deutschen Fliegern rächen. Immerhin: es sind schon notgelandete deut-

sche Flieger zurückgekommen. Man erzählt sich lachend die Geschichte von den beiden deutschen Sturzkampffliegern, die nach ihrer Notlandung im polnischen Feindgebiet ihr Flugzeug in Brand gesteckt haben und dann losgezogen sind. Sie fanden eine Bahnlinie und entdeckten eine Draisine und strampelten mit diesem primitiven Eisenbahngefährt nachts 60 Kilometer in Richtung der deutschen Front, bis plötzlich die Draisine in ein grosses Loch stürzte. Das Fahrzeug war nämlich über die zersprengten Schienen in einen Krater geraten, den eine deutsche Fliegerbombe in den Bahnkörper gerissen hatte. Und da stellten die beiden Flieger fest, dass es sich um ihre eigenen Bomben und um ihr eigenes Sprengloch, das sie wenige Stunden vorher mit ihrem Stuka fabriziert hatten, handelte. Worauf die beiden Flieger ihr Maschinengewehr - das sie noch von ihrem notgelandeten Flugzeug mitgenommen hatten - auf die Schulter luden und nach kurzer Zeit glücklich die deutsche Front erreichten.

Aber das sind Ausnahmefälle, Glücksfälle, die sicherlich nur selten vorkommen. Fünf Tage und fünf Nächte waren vergangen, seitdem die Staffeln ohne die beiden Unteroffiziere Lindemann und Radek zurückgekehrt war. Da schrillte nun das Telefon des Kommandeurs der Zerstörergruppe. Die beiden totesagten Flieger meldeten sich selbst am Apparat bei ihrem Kommandeur zurück. Und wenige Stunden später konnten sie lachend und vergnügt ihren Kameraden die Hände schütteln und von ihrer abenteuerli-

chen Flucht durch die polnische Linie berichten.

Sie hatten Pech gehabt. Ein Treffer der polnischen Flak hatte die schnelle Messerschmitt tödlich verletzt. Glücklicherweise funktionierte noch die Steuerung, der Flugzeugführer und sein Bordfunker waren nicht verwundet. Im flachen Gleitflug nördlich von Warschau versuchten sie, soweit wie möglich an die deutsche Front zu kommen. Sie mussten ihren braven Vogel notlanden und am Rande eines Waldes niedersetzen. Das Flugzeug ging dabei vollständig zu Bruch. Rasch sprangen die beiden Flieger heraus - sie hatten nicht einmal Zeit, ihr Flugzeug in Brand zu setzen, denn schon eilten aus einem nahen Dorf polnische Männer und Frauen herbei, die, mit Knüppeln bewaffnet, nach den notgelandeten deutschen Fliegern suchten. Die Uniformröcke rissen sie sich vom Leibe und rannten in den schützenden Wald. Nur mit einem Pullover, einer Fliegerhose und Schuhen bekleidet, verbargen sie sich im dichtesten Gestrüpp, während das ganze Dorf mit zahlreichen Hunden den Wald durchstreifte. Aber die Flieger blieben unentdeckt, und als die Nacht anbrach, schlichen sie sich wie Indianer weiter, sie richteten sich nach dem Polarstern und legten nun Nacht für Nacht immer nur wenige Kilometer zurück. Das letzte Stückchen Schokolade war längst aufgeteilt, sie mussten an Blättern kauen und Sumpfwasser trinken. Eine Mohrrübe, die sie fanden, war ein Himmelsgeschenk. Aber ihre Energie liess sie nicht zusammenbrechen. Immer weiter wanderten sie nach Norden, bis sie endlich den Donner von schweren Geschützen hörten und sich mitten in einer Schlacht befanden.

Polnische Batterien zogen an ihnen vorbei, ungeordnete Haufen polnischer Soldaten, die nach Süden zurückdrängten und nicht ahnten, dass wenige Schritte von ihnen zwei deutsche Flieger verborgen lagen. Und dann hörten sie plötzlich deutsche Laute! Deutsche Soldaten hatten eben polnische Soldaten gefangen genommen und kamen dicht an ihnen vorbei! Da sprangen sie auf und gaben sich zu erkennen. Lachend und strahlend vor Freude und Glück berichteten sie den Kameraden von den siegreichen Erdtruppen von dem schweren Abenteuer, das nun hinter ihnen lag. Die gefangenen Polen mussten ihre eiserne Ration abgeben, und kaum, dass sich die beiden erschöpften deutschen Flieger gestärkt hatten, liessen sie sich Gewehre in die Hand drücken und nahmen nun noch an einer vierstündigen Säuberungsaktion der Erdtruppen teil. Als die deutsche Infanterie dann das Tagesziel erreicht und den polnischen Feind in die Flucht geschlagen hatte, wurden sie zum nächsten Fernsprecher gebracht und meldeten sich telephonisch bei ihrem Kommandeur zurück.

24 Stunden später starteten die beiden Unteroffiziere in einer anderen Messerschmitt

zum nächsten Feindflug. Ihr unbesiegbare Wille, ihre unerhörte soldatische Energie mögen ein Beispiel dafür sein, was deutsche Flieger bei diesem heldenmütigen Kampf und dem Siegeszug deutscher Truppen in Polen Tag für Tag leisteten.

Wer kennt die Anschrift?

In Folge 43 des „Deutscher Morgen“ vom 27. Oktober wurde unter dem Namensaufruf der Deutschen Botschaft in Rio de Janeiro auch der am 9. 12. 1916 in Basel geborene Joseph Schmid gesucht. Der Genannte ist vor etwa 12 Jahren in Brusque (Santa Catharina) wohnhaft gewesen. Seitdem ist sein Aufenthaltsort unbekannt. Wer die Anschrift bezw. den derzeitigen Wohnsitz Joseph Schmid kennt, wird um umgehende Mitteilung gebeten. Auch um jeden anderen zweckdienlichen Hinweis bezüglich des Verschollenen wird im Namen des Vaters an dieser Stelle freundlichst ersucht.

Die taschenreichte
Voigtländer
KLEIN-BESSA
mit dem großen Bildformat

Modell 66: Optik 1:3,5, Prontor II-Verschluß bis 1/175 Sekunde, mit Rohmensucher, Selbstauslöser, an gelenktem Gelbfalter, Tiefenschärfe-Uhr, dem Schnellschlußauslöser am Loufbaden (Voigtländer-Poten) und vielen anderen technischen Vorzügen

Etwas ganz Besonderes sind die Modelle 46 und 66, die Verschlusszeiten bis zu 1/500 Sekunde haben und außerdem mit optischem Sucher sowie einer Filmsperre mit Zählwerk ausgestattet sind.

Alle Modelle besitzen die berühmte Voigtländer-Optik

Voigtländer Klein-BESSA

VERTRETUNG:
Noch bessere Bilder mit Voigtländer FILM
S.A. Schering
Rio - S. Paulo - P. Alegre

SCHUPP
DAS DEUTSCHE FACHGESCHAF
FUER EDELSTEINE
SCHMUCK
GESCHENKARTIKEL

RUA MIGUEL COUTO, 42-44,
FRÜHER: RUA dos OURIVES. RIO DE JANEIRO



Putz umflog

Das Wichtigste der Woche

Aus dem Transocean-Dienst (Agencia Memá)

Berlin, 14. — Beim Angriff eines deutschen Kampffliegerverbandes auf die Häfen der Sletland-Inseln wurden zwei hritische Flugboote durch Bomben vernichtet und ein Kreuzer gleichfalls getroffen. Der erfolgreiche deutsche Angriff wird als Antwort auf Winston Churchills herausfordernde Rede betrachtet, in welcher u. a. gesagt wurde, dass die Deutschen die Briten bisher nicht zu belästigen gewagt hätten. — Ein englischer Zerstörer ist auf eine deutsche Mine aufgelaufen und gesunken. — Ein deutsches U-Boot hat in drei Tagen 26.000 Tonnen Handelsschiffsraum versenkt.

Berlin, 14. — Das Oberkommando der deutschen Kriegsmarine erklärte ausländischen Journalisten, dass bewaffnete Handelsschiffe nach internationalem Recht grundsätzlich als Kriegsschiffe zu behandeln seien und auch von Deutschland so behandelt würden. Den Fahrgästen aus neutralen Ländern wird dringend von der Benutzung bewaffneter britischer Passagierdampfer abgeraten.

München, 14. — Der Mordanschlag im Münchener Bürgerbräukeller hat das achte Todesopfer gefordert. Oberamtsmann Michael Schmiedel, einer der ersten Mitkämpfer des Führers und Träger des Blutordens hat seine Treue zur Bewegung mit dem Tod besiegelt.

Berlin, 15. — Die diesjährige deutsche Zuckerrübenerte ist so günstig, dass das Reich erhebliche Ausfuhr vornehmen kann. Die durch die britische Blockade von der Einfuhr aus Uebersee abgeschnittenen Länder werden grosse Bedarfsmengen in Deutschland decken können. Im Gegensatz zum Reich ist England mit rund 80 vH. seines Zuckerbedarfs vom Ausland abhängig.

Berlin, 15. — Der halbamtliche „Deutsche Politische Bericht“ kommt auf die Anbiederungsversuche Churchills Italien gegenüber zurück und stellt fest, dass Italien das Mittelmeer als seinen Lebensraum betrachte und daher die hritische Anmassung zurückweise, derzufolge Gibraltar und Suez die beiden britischen Tore zum Mittelmeer seien.

Berlin, 15. — Am Waffenstillstandstag haben sich in England kriegsfeindliche und gegen die Juden gerichtete Kundgebungen ereignet. Als der Adjutant des Königs von England am Grabmal des unbekanntenen Soldaten einen Kranz niederlegte, rief eine Frau: „Lügner, wie vor zwanzig Jahren“. Sie wurde sofort von Agenten der Geheimpolizei abgeführt.

Amsterdam, 15. — Das Londoner Finanzblatt „Financial News“ befasst sich mit der andauernden Preissteigerung in England, von welcher alle Nahrungsmittel und Gebrauchsgegenstände ergriffen sind. Ueberall herrscht das Gefühl vor, dass die britischen Behörden ausserstande sind, eine Inflation aufzuhalten.

Moskau, 15. — Die halbamtliche sowjetrussische Telegraphenagentur teilt mit, dass der Abbruch der russisch-finnischen Verhandlungen allein auf Finnland zurückfalle, da dieses keinen Ausgleich mit der Sowjetunion wünsche.

Luxemburg, 15. — Die Behörden dieses kleinen Staates haben mit den französischen und englischen Ueberläufern grosse Sorgen. Ein besonderes Polizeikorps musste aufgestellt werden, um die desertierten britischen und französischen Soldaten zu fangen.

Bukarest, 15. — Die Dampfer der deutschen Levante-Linie, die sich bei Kriegsausbruch in sowjetrussische Schwarze Meer-Häfen zurückgezogen hatten, werden jetzt wieder für die deutsche Rohstoffversorgung eingesetzt. Sie werden aber nicht die Dardanellen durchfahren, sondern die Waren russischer, türkischer und bulgarischer Herkunft nach den Donau-Häfen bringen, von wo der Weitertransport auf Schleppern nach Wien, Linz und Regensburg erfolgt.

Beyers Mode für Alle

Das Oktoberheft von „Beyers Mode für Alle“ zeigt uns die Kleidung der Frau, praktisch beleuchtet. Hier finden wir einfache, sehr tragbare Wintermäntel mit und ohne Pelzbesatz, schlichte Kleider, die durch verschiedene hübsche Kragen und Ausschnittgarnituren immer wieder verändert werden können. Es wird gezeigt, wie wir elegante Abendkleider, für die wir jetzt keine Verwendung haben, in kürzere, tragbare Nachmittagskleider umarbeiten können. Die kleinen Kleider für den ganzen Tag, die wir immer brauchen, sind sportlich und schick in ihrer Einfachheit. Mit besonderer Sorgfalt ausgewählt sind die Modelle für die Vollschlanken. Kinderkleider und Mäntelchen näht jede Mutter gern selbst, ebenso Blusen und Röcke. Für die Jüngsten finden wir mollig warme Strickkleidung. Der sparsamen Hausfrau ist dieses Heft ein wichtiger Ratgeber, und sie findet eine gute Hilfe beim Schneider in dem beiliegenden Schnittbogen, der sämtliche Schnitte dieses Heftes enthält, das in allen deutschen Buchhandlungen in Brasilien erhältlich ist.

Lissabon, 15. — Portugal ist jetzt dem Beispiel vieler anderer Staaten gefolgt und hat seine Währung vom Pfundkurs abgelöst.

Tokio, 15. — In Japan hat die Zurückziehung britischer und französischer Truppen aus Nordchina keinen besonderen Eindruck gemacht, da man darin nur eine Folge des europäischen Krieges sieht und die „billige Geste“ durchschaut, mit welcher die Briten sich die japanische Freundschaft erwerben wollen.

Berlin, 16. — Der deutsche Dampfer „Paraná“ wurde von der eigenen Besatzung versenkt, als er westlich von Island britischen Kriegsschiffen nicht mehr entkommen konnte. Die Besatzung wurde gerettet.

Berlin, 16. — Wegen Veröffentlichung unwahrer Berichte über die Lage in Deutschland wurde dem nordamerikanischen Korrespondenten Conger die Erlaubnis entzogen, an den Konferenzen der Vertreter der ausländischen Presse im Auswärtigen Amt und im Propagandaministerium teilzunehmen.

Berlin, 16. — Die Umsiedlung polnischer Juden aus dem Gau Danzig-Westpreussen und dem Warthegau nach Kongress-Polen ist in vollem Gange. Das Ziel der deutschen Behörden, das Land westlich der Weichsel judenrein zu machen, soll bis Ende d. J. erreicht werden. Ebenso wird der Abtransport der Polen aus diesen Gebieten beschleunigt. Die neuen deutschen Ostprovinzen werden bekanntlich mit den aus dem Ausland, zunächst nur aus dem Baltikum, zurückgeholten Deutschen besetzt.

Thorn, 16. — Im Landkreis Thorn sind 350 deutsche Bauernfamilien, die bisher in Wollhünen in Ostpolen siedelten, mit Bauernhöfen betraut worden.

Berlin, 16. — Von zuständiger Stelle des Auswärtigen Amtes wurde ausländischen Pressevertretern erklärt: „Für uns ist die Lage wie folgt: „Wir sind entschlossen, bis zur Vernichtung der englischen Hegemonie zu kämpfen. Das ist der Sinn, den dieser Krieg, den wir ja nicht wollten, sondern der uns aufgezwungen wurde, für uns hat. Wir werden zeigen, dass, genau so wie wir zum Frieden bereit waren, wir jetzt auch zum siegreichen Kriege bereit sind.“

Berlin, 16. — Nach amtlicher Mitteilung gelangten zuständige Reichsbehörden nach der Eroberung Warschaws in den Besitz von Briefen, aus denen einwandfrei hervorgeht, dass die Blockade gegen Deutschland schon in Friedenszeiten vorbereitet worden war. So wurden die Massnahmen zur Kontrolle der deutschen Einfuhr aus den südamerikanischen Ländern bereits im August durch die Entsendung britischer Kriegsschiffe getroffen.

Amsterdam, 16. — Jetzt wird auch in London zugegeben, dass in Waziristan (Nordwestindien) schwere Unruhen der Eingeborenenstämme zu grossen Verlusten der britischen Truppen führten.

Amsterdam, 16. — In zahlreichen Gegenden Englands schlachten die Bauern wegen Futtermangels ihre Milchkuhe. — Dem Blatt „Daily Herald“ zufolge steht der britische Wollhandel, der für das ganze Empire von ausserordentlich hoher Bedeutung ist, vor dem Ruin.

Brüssel, 16. — In Frankreich wurde jetzt das Abhören ausländischer Rundfunksendungen in öffentlichen Lokalen verboten, und man studiert die Massnahmen, auch das private Abhören ausländischer, speziell deutscher Sender, zu untersagen.

Moskau, 16. — Die russische Presse widmet den england-feindlichen Unruhen in Indien täglich grössere Aufmerksamkeit zu und schreibt unter Bezug auf die „wirtschaftlichen Fähigkeiten Englands in Indien“ u. a.: Das soziale Elend sei gross. Das Jahreseinkommen betrage 3 Pfund pro Kopf der Bevölkerung. Die Verschuldung der Landbevölkerung sei von 9.000 Millionen Rupien im Jahre 1930 auf 16.000 Millionen Rupien im Jahre 1938 gestiegen. Das mittlere Lebensalter der Inder liege heute bei 23 Jahren, während es 1881 noch 30 Jahre betragen habe. Es gibt mehr als 40 Millionen Arbeitslose im Land.

New York, 16. — Der „New York Times“ zufolge ist die deutsche Flugzeugproduktion doppelt so stark wie die englische und französische zusammen.

Berlin, 17. — Zur Bekanntgabe des britischen Blockadeministers, dass künftighin alle Güter beschlagnahmt werden, die in den Bordpapieren der Schiffe nicht deutlich genug mit ihrem Bestimmungsort verzeichnet seien, schreibt das „Deutsche Nachrichtenbüro“, dass die Neutralen nun nicht mehr über eine lange Wartezeit zu klagen brauchen, da die Engländer die meisten Frachten einfach konfiszieren würden.

Prag, 17. — Trotz ausdrücklicher Warnung der Protektorsregierung haben deutschfeindliche tschechische Studenten in Prag demonstriert, wobei Deutsche tätlich angegriffen wurden. Da die Kundgebungen gefährlichen Charakter anzunehmen begannen, musste die Polizei energische Massnahmen ergreifen. Neun Rädelführer wurden standrechtlich erschossen. Wie noch bekannt wird, erfolgte die Aufhetzung durch Rundfunksendungen aus dem Ausland. Der ehemalige tschechische Staatspräsident Benesch befindet sich zurzeit in London.

Tilsit, 17. — Ein hiesiger Kaufmann und seine Ehefrau wurden zu vier Jahren

Hotel Esplanada — Salão Vermelho

Montag, den 27. November 1939, um 21 Uhr

KONZERT / Fritzsche-Quartett, Dresden

PROGRAMM: Mozart Es-dur K. V. 428
Beethoven F-dur op. 59/1
aus Oswald e-moll op. 17
Dvorak F-dur op. 96

Eintrittskarten zum Preise von 17\$300 einschliesslich Steuer in den Vorverkaufsstellen:
Casa Allemá, R. Direita 162-190, Deutsche Apotheke, Ludw. Schwedes, R. Lib. Badaró 318

Gefängnis verurteilt, weil sie 700 Schulwarenartikel verkauft hatten, ohne von ihren Kunden die entsprechenden Bezugsscheine abzuverlangen.

Amsterdam, 17. — An der ostafrikanischen Küste wurde der grosse britische Tankdampfer „Africa Shell“ von einem unbekanntem Kriegsschiff versenkt.

Amsterdam, 17. — In London fand eine Sitzung des gemeinsamen englisch-französischen Obersten Kriegsrates statt. Zu diesem Zweck war Ministerpräsident Daladier und seine Mitarbeiter nach London geflogen. Premier Chamberlain erschien mit einem Hausschuh am kranken Fuss und auf einen Spazierstock gestützt gleichfalls zur Beratung. Das Ergebnis der Zusammenkunft wurde in einer Mitteilung bekannt gegeben, derzufolge die alliierten Mächte die gemeinschaftliche Wirtschaftsführung noch erhöhen wollen und besonders im Einkauf jegliche Konkurrenz ausschalten.

Brüssel, 17. — Neben dem offiziellen hritischen Botschafter in Paris amtiert jetzt ein hoher Beamter des Foreign Office namens Oliver Charles Harvey. Dieser ist mit allen Vollmachten ausgestattet und hat die besondere Aufgabe, die französische Ausserepolitik mit der britischen in Einklang zu bringen. Eine Pariser Zeitung nennt Mr. Harvey einen „wirklichen englischen Hohen Kommissar in Paris“.

Mailand, 17. — Nach „Corriere della Sera“ hat sich jetzt ausser der argentinischen Bewegung zur Rückgewinnung der Falkland-Inseln auch hin Guatemala ein Kreis von Interessenten gebildet, der die Rückgliederung des von den Briten beherrschten Gebietes Britisch-Honduras fordert.

Mailand, 17. — Die italienische Presse erinnert bei der Wiedergabe der Rede des Duce vor den Studenten, dass Italien niemals seine bedingungslose Neutralität erklärt habe und darum die gegenwärtige europäische Entwicklung mit grosser Aufmerksamkeit verfolgen.

Kopenhagen, 17. — Vier dänische Journalisten, die auf Einladung des britischen Kriegsministers die Westfront der Alliierten besichtigten, kommen zu der einstimmigen Feststellung, dass die französischen und englischen Soldaten nicht die geringste Kampfbegeisterung äusserten. Die Offiziere hätten Mühe, die Soldaten vor dem Müsiggang zu bewahren.

New York, 17. — Eine französische Militärkommission hat in den Vereinigten Staaten 6000 Pferde für den Dienst an der Westfront aufgekauft. Man steht aber vor grossen Schwierigkeiten, die Tiere nach Europa zu bringen.

New York, 18. — In grösster Aufmachung berichten sämtliche Zeitungen über den Beobachtungsflug eines deutschen Bombers, der am Freitag dreizehn Städte in Mittelengland überflog und trotz heftigster Flakabwehr und trotz der Verfolgung durch Dutzende britischer Jagdflieger unversehrt seinen Ausgangspunkt erreichte.

Berlin, 19. — Drei hritische Flugzeuge wurden bei einem Anflug auf Wilhelmshaven rechtzeitig gestellt und durch Flak und deutsche Jäger zur schleunigen Umkehr gezwungen. Deutsche Aufklärer überflogen England und gelangten in Frankreich bis zur Stadt Bordeaux.

Brüssel, 19. — In der Pariser Zeitung „Figaro“ erschienen Todesanzeigen, nach denen Offiziere bei der Torpedierung der „X“ den Heldentod gefunden haben. Damit dürfte bewiesen sein, dass die Franzosen die Torpedierung eines Kriegsschiffes bisher verschwiegen haben.

Amsterdam, 19. — Der holländische Passagierdampfer „Simon Bolivar“ ist an der ostenglischen Küste auf eine hritische Treibmine gelaufen und gesunken. Etwa 130 Fahrgäste und Besatzungsmitglieder konnten nicht gerettet werden. Der Kapitän ist mit dem sinkenden Schiff untergegangen.

Kopenhagen, 19. — Dänische Fischer entdeckten in der Nordsee etwa 30 km von der Küste Dänemarks entfernt, die Reste eines englischen Flugzeuges.

Berlin, 19. — Der Leiter der Deutschen Arbeitsfront, Dr. Robert Ley, sagt in einem Aufruf, dass die deutsche Wirtschaft normal wie in Friedenszeiten laufe. Ihr Ertrag sei nirgends gesunken. Die Arbeitslosen, die aus der Umstellung der Fabriken hervorgingen, seien vollkommen verschwunden. Die Einfüh-

rung der zehnstündigen Arbeitszeit ermögliche den Fabriken die Verabfolgung eines warmen Essens für die Belegschaft. Von Beginn des neuen Jahres an werde es wieder Ferien geben. Ebenso werden Weihnachtsvergütungen ausgezahlt. Der Jugendschutz bleibe in vollem Umfang erhalten.

Prag, 19. — Staatspräsident Dr. Hacha hielt eine Rundfunksprache an das tschechische Volk, in welcher er zur Besonnenheit mahnte und feststellte, dass jeder Tscheche seiner friedlichen Arbeit nachgehen könne. Den Tschechen sei ein bitterer Krieg, wie ihn die Polen erlebten, erspart geblieben. — Ueber die Bezirke Gross-Prag, Prag-Land, Kladno, Beraun und Horschowitz ist das Standrecht verhängt worden.

Amsterdam, 19. — Drei deutschen Schiffsjungen gelang die Flucht aus einem englischen Konzentrationslager. Ein Tag lang wurden sie von Reitern, Motorradfahrern, Polizei und Militärstreifen gesucht. Aber erst 24 Stunden später konnten die 15 bis 17 Jahre alten deutschen Jungen an der südschottischen Küste, wohin sie mit einem Fischerboot gelangt waren, wieder dingfest gemacht werden.

Amsterdam, 20. — An der holländischen Küste wurden zahlreiche losgerissene, englische Minen angetrieben. Ueber der Nordsee herrschten in den vergangenen Tagen schwere Stürme. Zehn Schiffe meistens neutraler Länder sind diesen Minen in den letzten drei Tagen zum Opfer gefallen.

Berlin, 20. — An der Westfront zwischen der Siegfriedstellung und der Maginotlinie sind keine wesentlichen militärischen Kampfhandlungen zu verzeichnen. Dagegen sind die Truppen auf beiden Seiten mit der Besichtigung ausgerissener Bäume und anderer Hindernisse beschäftigt, die die schweren Stürme verursacht haben. — Die britischen Inseln wurden zum fünftenmal innerhalb einer Woche von deutschen Aufklärungsflugzeugen überflogen. In den Bezirken London, Essex, Rusket und anderen wurde Luftalarm gegeben. — Ein deutsches Flugzeug hatte sich über holländischem Gebiet verfliegen und wurde von holländischen Jagdfliegern abgeschossen. — In den letzten Tagen verletzten die Briten die belgische Neutralität zehnmal und die holländische fünfmal, indem sie die Hoheitsgebiete der Neutralen überflogen.

Berlin, 20. — Die russische Wirtschaftsabordnung, die in den letzten Wochen Deutschland bereiste, ist nach Moskau zurückgekehrt. Damit ist der gross angelegte deutsch-russische Handelsaustausch in praktische Geleise geleitet worden.

Berlin, 20. — Prinz August Wilhelm, der vierte Sohn des ehemaligen Kaisers, gab angesichts der zahlreichen Falschmeldungen deutsch-feindlicher Blätter vor ausländischen Pressevertretern aufschlussreiche Erklärungen über die Stellung der Mitglieder des Hauses Hohenzollern gegenüber dem heutigen Deutschland und seinem Führer ab. Insgesamt befinden sich zurzeit dreizehn Familienmitglieder im Heeresdienst an der Front, nämlich Prinz Oskar (ein Sohn des Kaisers) und zwölf Enkel des Kaisers. Einer der Söhne des Prinzen Oskar fiel im September in Polen. Der ehemalige Kronprinz verwaltet die Familiengüter in Berlin. Der ehemalige Kaiser selbst hat dem Führer angesichts seiner schicksalhaften Rettung beim Münchener Mordanschlag seine tiefe Freude zum Ausdruck gebracht. Prinz August Wilhelm stellte zum Schluss die Niederträchtigkeit der Presselügen heraus und betonte, dass die ehemalige kaiserliche Familie einmütig der Ansicht sei, dass alles, was gegen den Führer zielt, sich auch gegen Deutschland richtet.

Amsterdam, 20. — In London werden alle Nachrichten über eine russisch-japanische Annäherung mit grösster Ueberraschung aufgenommen, da Mr. Churchill in seiner letzten Rundfunkrede noch von der Unversöhnlichkeit der beiden Nationen gesprochen hatte.

Amsterdam, 20. — In englischen Gefängnissen haben zahlreiche politische Gefangene, besonders Angehörige der englisch-faschistischen Partei, wie die britischen Zeitungen selbst zugeben, gemeutert. Die Unruhen mussten mit Waffengewalt unterdrückt werden.

Moskau, 20. — Die „Prawda“ gibt folgendes Programm der internationalen Arbeiterjugend bekannt: 1. Die gesamte Agitation der internationalen kommunistischen Jugend

ist nicht mehr anti-faschistisch sondern anti-kapitalistisch und anti-imperialistisch eingestellt. 2. Die Volksfrontpolitik wird auf New York, 20. — Der kanadische Erzbischof, Kardinal Rodrigo Villeneuve, erklär-

te in einer Rundfunksprache, dass die Vereinigten Staaten von Nordamerika den besten Beitrag zur Herstellung des Friedens liefern könnten, falls sie sich aus dem gegenwärtigen Konflikt in Europa fernhalten.

übers Meer gekommen sind, als jene Emigranten der jüngsten Zeit, die sich auch Deutsche nennen und niemals welche gewesen sind.

Der Ehe entsprossen fünf Kinder, die von den Eltern zu ordentlichen Deutschen erzogen wurden, wie das Ehepaar Stein ausserdem ein Dutzend fremde Kolonistenkinder gross gezogen und zu tüchtigen Menschen gemacht hat. Zehn Enkelkinder, neunzehn Urenkelkinder wünschen nebst den eigenen Kindern und vielen Freunden und Verehrern dem Jubelpaar zu seinem Ehrentag am 28. November weiterhin Gesundheit und Lebensfreude, damit auch noch die „Eiserne 65“ des gemeinsamen Wanderweges erreicht werde. Anlässlich der „Goldenen 50“ ging die Hochzeitsreise des Ehepaars Stein nach Deutschland. Seitdem hat der alte Herr immer wieder zu seiner Frau gesagt: „Wir fahren noch einmal mit dem Zeppelin in die Heimat“. Wir fragen, warum dieser Wunsch wirklich nicht noch einmal in Erfüllung gehen soll. Die Zeit ist gewiss nicht fern, da wieder Frieden zwischen den Völkern sein wird und schnelle Verkehrsmittel die Reise

sollte Mitglied des Vereins sein um auf diese Weise den in Not geratenen Volksgenossen zu helfen.

Der Deutsche Hilfsverein S. Paulo
Rua Victoria Nr. 648.

Ein deutsches Ehepaar in Brasilien feiert die Diamantene Hochzeit

Die Grüne Hochzeit feiern fast alle Menschen, die Silberne Hochzeit wird schon weniger begangen, die Goldene Hochzeit ist eine familienfrohe Köstlichkeit, die Diamantene Hochzeit aber gehört bereits zu den von einem gütigen Schicksal sparsam gespendeten Seltsamkeiten. Danach wird nur noch die Eiserne Hochzeit gefeiert, und dazu muss man 65 Jahre gemeinsam durchs Leben gewandert sein.

Aber auch eine sechzigjährige Lebensgemeinschaft ist hüben wie drüben einer besonderen Betrachtung wert. Sechs Jahrzehnte unermüdetes Schaffen, sechs Jahrzehnte lang mit täglich frischem Mut an die Arbeit, an den Aufbau; sechs Jahrzehnte treues Beieinanderstehen in Freud und Leid, durch allen Wandel der Zeiten und Menschen. In den Städten sind die seltenen Feste der Diamantenen und Eisernen Hochzeit rar geworden. Hier leben die Menschen schneller und, umgeben von allen glänzenden lärmvollen Erfindungen der Technik und der bequemen Daseinsgestaltung, verbrauchen sie auch ihre Kräfte in einer ungleich kürzeren Zeit als die Menschen auf dem Lande. Sage niemand, dass die brasilianische Landschaft dem Europäer feindselig begegnet und seine Schaffenskraft einengt. Auch sie entlohnt jeden nach seinem Verhalten. Arbeit und ursprüngliche, unverbildete und unverkünstelte Bejahung und Einstellung, ohne dass diese Landschaft die eigene Art des Menschen zu wandeln vermag, sind die Schlüssel zu den Geheimnissen ihrer scheinbaren Fremdartigkeit. Noch hat jeder, der die breite Brücke nach der alten Heimat hinter sich abbrach, hier eine zweite Heimat gefunden, wenn er sich nicht selbst aufgab.

Darum schreibt man mit besonderer Freude und innerer Genugtuung jetzt den Satz: *Der deutsche Landwirt Theodor Stein und seine Frau Christine, geborene Benecke, feiern am 28. November in geistiger Frische und körperlicher Regsamkeit auf ihrem Anwesen bei Limeira (Staat São Paulo) die Diamantene Hochzeit!*

Im Jahre 1883 ist das heutige Jubelpaar nach Brasilien eingewandert. Theodor Stein und seine Frau kommen aus Norddeutschland. Er ist am 21. April 1852 in Schöningen bei Hannover geboren, seine Lebenskameradin am 10. Dezember 1856 in Quickborn (Klabauter Moor) bei Hamburg. Sie sind heute also 87 bzw. 82 Jahre alt. In Quickborn haben sie am 28. November 1879, rund neun Jahre nach dem deutsch-französischen Krieg, geheiratet. Herr Stein reiste seiner Frau vorans und kam am 21. April 1883 im Hafen von Rio de Janeiro an, wo gerade das Gelbfieber zahlreiche Menschenleben gefordert hatte. Die Stadt, in welcher am selben Tage eine Parade stattfand, erschien dem Neugekommenen und seinen Mitreisenden trotzdem wie ausgestorben. In jenen Jahren beteiligten sich viele deutsche Einwanderer am Bau der Paulistabahn. Nachdem Frau Stein ihrem Ehemann gefolgt war, schlugen sie zunächst in São João da Boa Vista ihren Wohnsitz auf. 1893 machte sich Theodor Stein als Sägereibesitzer selbständig und hat seitdem ununterbrochen aufgebaut. Das ist sowohl wörtlich, wie auch in übertragener Bedeutung zu verstehen. Zweimal ist sein zwischen Limeira und Pires gelegene Grundstück restlos niedergebrannt. Aber diese Verluste konnten den Mut des starken niederdeutschen Mannes mit dem blonden Haupthaar und dem wallenden Vollbart, der Landwirt und Handwerker in einer Person war, nicht niederzwingen. Neue Gebäude wurden errichtet, eine Kaffeeschälmaschine, eine Fubamühle und eine Reismühle aufgestellt, sodass die Kleinbauern aus der ganzen Umgegend (es sind fast ausschliesslich Holsteiner) nun schon seit Jahrzehnten jede Woche mit ihren Erzeugnissen auf das Stein'sche Sitio kommen. Die Jahre gingen dahin. Die blonden Haare wurden silbergrau und sind heute schneeweiss geworden. Aber wer das Ehepaar Stein bei der täglichen Arbeit sieht, vergisst, dass hier weit über achtzig Jahre alte Menschen tätig sind.

Nur dass sie deutsch sind, das erkennt man bei ihnen Schritt und Tritt, das hört man an der plattdeutschen Sprache, die so rein erhalten blieb, wie dort weit überm Meer in der Klabauter Moorlandschaft unweit der Elbemündung. Theodor Stein gilt als der Deutsche in Limeira, er hat sehr viel für die deutsche Schule in Pires getan und wird allgemein als massgebende Persönlichkeit geachtet und verehrt. Auf seinem Anwesen pflanzt er mit reichem Erfolg seit all den Jahren Laranjen, Kaffee, Mais, Birnen und anderes Obst; seine grosse Schweinezucht und Milchwirtschaft stehen bei allen Fachleuten in bestem Ruf. Zwei niederdeutsche Kolo-



nistenfamilien helfen dem Ehepaar Stein bei der Arbeit in den Pflanzungen; seine Tochter Lene ist seine sorgfältige Verwalterin. Theodor Steins und seiner Frau Lebenswerk beweisen überzeugend, welchen wertvollen Beitrag deutsche Einwanderer zum Aufbau Brasiliens geleistet haben und dass die Einwanderer der vergangenen Zeit mit einer ganz anderen Auffassung von Arbeit und Pflicht

zwischen hüben und drüben erleichtern, damit so vielen Ausgewanderten das lang ersehnte Wiedersehen mit den Stätten der Kindheit überhaupt ermöglicht wird. Der „Deutsche Morgen“ ist anlässlich dieser Diamantenen Hochzeit gern der Glückwunschräger und Uebermittler herzlicher Grüsse von allen Deutschen in Brasilien. ep.

Konzert des Freijahr-Quartetts in Ausjucht

Die vier in ihrem Zusammenwirken vollendeten Künstler aus Dresden, über deren Konzerte auch an dieser Stelle bisher nur Rühmliches gesagt werden konnte, werden am kommenden Montag (27. November) im Roten Saal des Hotel Esplanada ein Konzert veranstalten. Zum Vortrag gelangen Werke von Mozart, Beethoven, Oswald und Dvorak. Es ist zu erwarten, dass auch dieser pünktlich um 9 Uhr beginnende Konzertabend seitens der deutschen Kolonie und ihrer Freunde einen hervorragenden Besuch erhalten wird.

Wochenchau hierzulande

Von 124 ausländischen Dampfern, die im Monat Oktober Santos anliefen, waren 24 nordamerikanische, 19 englische, 18 norwegische, 12 schwedische, 7 holländische, 6 dänische, 5 französische, 4 japanische, 3 belgische, 2 spanische und 14 Schiffe verschiedener Herkunft. Deutsche Dampfer haben im vergangenen Monat den santenser Hafen nicht besucht.

Wie aus einer Mitteilung des staatlichen Erziehungsamtes hervorgeht sind in Marilia, Pompeia und Presidente Prudente drei japanische Schulen, ausserdem in der Kolonie São Francisco im Munizip Regente Feijó eine deutsche Privatschule geschlossen worden. Das gesamte Unterrichtsmaterial wurde beschlagnahmt.

Der Ueberwachungsdienst für die Einreise, den Aufenthalt und die Ausreise für Ausländer teilt allen im Staat São Paulo wohnenden Ausländern mit, dass sie gemäss dem Bundesgesetz Nr. 3010 vom 20. August 1938 bis zum 22. Dezember d. J. einschliesslich ihrer Registrierungsgesuch bei der Delegacia de Fiscalisação de Entrada, Permanencia e Saida dos Estrangeiros eingereicht haben müssen, andernfalls die angekündigten Strafen vollstreckt werden.

Durch eine Verfügung der Bundesregierung wurde die Ausfuhr von Knochen und phosphorhaltigen Düngemitteln verboten, da dem brasilianischen Ackerboden selbst diese nötigen Phosphate zugeführt werden sollen.

Aus dem Bericht des Dienstes zur Bekämpfung des Gelbfiebers sowie der Rockefeller-Stiftung für den Monat Oktober d. J. entnehmen man, dass u. a. 13.742 Moskitoherde vernichtet und 5878 Personen gemipft wurden.

Nach Mitteilung aus Niteroi hat die dortige Präfektur im Einvernehmen mit der Delegacia de Ordem Política Especial des Staates Rio de Janeiro einen Feldzug gegen die Zerstörung der Wälder eingeleitet.

Im Staate Santa Catharina wurden 1938-39 etwa 12.692 Tonnen Weizen im Werte von 1179 Contos geerntet, das bedeutet gegenüber dem Vorjahr eine Steigerung um das Vierfache.

Vor einigen Tagen fand in Rio de Janeiro eine Konferenz der Bundesintervenoren statt, die jeweils unter Vorsitz der einzelnen Fachminister wichtige Beratungen und Aussprachen durchführte und einen Markstein der innerbrasilianischen Entwicklung darstellt. Besonders interessant verlief die Freitagsitzung der Intervenoren, welche vom Aussenminister Dr. Oswaldo Aranha geleitet wurde. Zur Debatte standen Einwanderungsfragen. Bundesintervenor Adhemar de Barros führte aus, dass in São Paulo etwa 880.000 Ausländer wohnen und dass sich besonders in der Stadt São Paulo selbst zahlreiche Juden angesammelt hätten. Der Aussenminister erläuterte, dass die Zahl der zuletzt angekommenen jüdischen Einwanderer 7000 Personen nicht übersteige. Offenbar bestehe aber eine heimliche Einwanderung, und die Polizei müsse Massnahmen treffen, um diesen Missstand zu verhindern. Brasilien habe keine Rassevorurteile, es habe aber Bedenken gegen die starke Einwanderung von Personen, deren Religion und Gewohnheiten von denen des brasilianischen Volkes erheblich abwichen. Der paulistauer Intervenor bestätigte anschliessend diese Tatsache einer heimlichen Einwanderung, die hauptsächlich über die Landesgrenzen von Paraguay her erfolge. Ebenso erinnerte der Intervenor des Staates Rio Grande do Sul an die Aufdeckung einer heimlichen Einschmugglung von Ausländern in seinem Staat.

Und wieder ein englischer Kreuzer torpediert!

Berlin, 22. (T.-O. — Agencia Allamã) Wie bekannt wird, wurde im britischen Kriegshafen Firth of Forth der englische Kreuzer „Belfast“ von einem deutschen U-Boot torpediert. Die „Belfast“ ist ein Schwesterschiff der kürzlich von deutschen Flugzeugen in einem englischen Hafen mit Bomben belegten „Edinburgh“. Die „Belfast“ verdrängt 10.000 Tonnen, läuft 32 Seemeilen und ist 1938 vom Stapel gelaufen. Die Bewaffnung besteht aus 6 Torpedolancierrohren, 17 Geschützen zu 15,8 cm, 15 Geschützen zu 4,7 cm, 17 Geschützen zu 4 cm und 8 Flak-Maschinengewehre sowie 14 weitere Waffen.

Bund der schaffenden Reichsdeutschen
(União Beneficente e Educativa Allemã)

Unser Weihnachtsgeschenk an unsere Freunde:
Ein Märchenspiel für kleine und grosse Kinder

Am Sonntag, den 10. Dezember, nachmittags 2 Uhr und nachmittags 6 Uhr und am Sonntag, den 17. Dezember, nachmittags 2 Uhr, im grossen Saale der „Lyra“, Rua São Joaquim 329

Zur Aufführung gelangt:
„Prinzessin Allerliebste“ oder „Der wundersame Regenschirm“
Ein Märchen in 4 Bildern von Walfried Burggraf

Einlasskarten zum Einheitspreise von je 2\$000 einschl. Steuer, erhältlich in den Verkaufsstellen: Deutsche Apotheke, Schwedes, Rua Lib. Badaró, Deutsche Buchhandlung, Hahmann, Rua Cons. Chrispiniano 2a, Frisiersalon „Max“, M. Reichel, Rua Antonio Coelho, Oekonom der „Lyra“, Geschäftsstelle des „Bundes der schaffenden Reichsdeutschen“, Rua Santa Efigenia 348, Zimmer 13

Machen Sie Ihren Kindern eine Weihnachtsfreude, gehen Sie in dieses Weihnachtsspiel!

Deutscher Hilfsverein S. Paulo

In Folgendem teilt der Deutsche Hilfsverein São Paulo seine Tätigkeit und seine Leistungen während der vergangenen Monate Juli, August und September 1939 mit.

Monat	Verpfleg. H. Pinheiros Krankenhauses	Unterst.
Juli	3564	16 99
August	3750	18 101
September	4104	20 67
	11418	54 267

Im Geschäftszimmer Rua Victoria Nr. 648.

Monat	Besucher	Stiefel-sucher	Stiefel-vermittlung	Auskünfte
Juli	438	118	22	90
August	521	142	25	171
September	347	116	18	101
	1306	376	65	362

das heisst also, in den Monaten Juli, August und September wurden je 3564, 3750 und 4104 Verpflegungstage zu drei Mahlzeiten pro Tag gewährt, was einer täglichen Belegungsstärke des Heims in Pinheiros von 115,4 bis 121 und 136,8 Volksgenossen in diesen drei Monaten entspricht.

Im Deutschen Krankenhaus lagen in den drei Monaten je 16, 18 und 20 Volksgenossen für Rechnung des Deutschen Hilfsvereins in Pflege und Behandlung. Mit Unterstützung in kleinen Geldbeträgen, Lebensmitteln, Kleidern, Schuhwerk und Wäsche wurden im Geschäftszimmer des Vereins, Rua Victoria Nr. 648, in den drei Monaten 99, 101 und 67 bedürftigen Volksgenossen geholfen.

Während der drei obigen Monate erschienen im Geschäftszimmer je 438, 521 und 347 Volksgenossen, die Auskünfte, Aufklärungen, Rat und Anweisungen erbat. Mit der Nachfrage von Arbeitsstellen suchten in den drei genannten Monaten je 118, 142 und 116 Volksgenossen den Deutschen Hilfsverein auf, und es wurden je 22, 25 und 18 Stellen in den drei Monaten vermittelt. Positive Auskünfte amtlicher und privater Natur konnten in den drei Monaten je 90, 171 und 101 Volksgenossen erteilt werden.

Aus obigen Zahlen geht die weitgehendste Tätigkeit, Hilfe und Leistung des Deutschen Hilfsvereins in S. Paulo hervor. Die Not ist gross. Darum helfe dem deutschen Hilfsverein und unterstütze ihn. Jeder Deutsche

Unserm lieben
Theodor Stein
und
Frau Christine,
geb. Benecke,
in Limeira
zu ihrer
Diamantenen Hochzeit
am 28. November, die
herzlichsten Glückwünsche
Kinder, Enkel und Urenkel